



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

ALDEMIR PEREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: UM OLHAR A PARTIR DE UMA
ATIVIDADE SOBRE EMPREENDEDORISMO**

CAMPINA GRANDE

2024

ALDEMIR PEREIRA DA SILVA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: UM OLHAR A PARTIR DE UMA
ATIVIDADE SOBRE EMPREENDEDORISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Área de concentração: Matemática

Orientador: Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida

Coorientador: Prof. Dr. Ivan Bezerra de Sousa

CAMPINA GRANDE

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Aldemir Pereira da.
Educação financeira crítica [manuscrito] : um olhar a partir de uma atividade sobre empreendedorismo / Aldemir Pereira da Silva. - 2024.
71 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida, Departamento de Matemática - CCT".

"Coorientação: Prof. Dr. Ivan Bezerra de Sousa, Departamento de Matemática - CCT".

1. Educação Financeira. 2. Matemática Financeira. 3. Empreendedorismo. I. Título

21. ed. CDD 374.12

ALDEMIR PEREIRA DA SILVA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA CRÍTICA: UM OLHAR A PARTIR DE UMA ATIVIDADE
SOBRE EMPREENDEDORISMO.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Matemática da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciado em Matemática

Aprovada em: 28/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ivan Bezerra de Sousa** (***.306.654-**), em **10/12/2024 15:16:21** com chave **dbfa0ac2b72211efa5761a7cc27eb1f9**.
- **José Joelson Pimentel de Almeida** (***.846.264-**), em **10/12/2024 14:57:09** com chave **2d596654b72011ef81401a7cc27eb1f9**.
- **Josevandro Barros Nascimento** (***.063.584-**), em **10/12/2024 18:12:09** com chave **6a9b111eb73b11efae7b06adb0a3afce**.
- **Jair Dias de Abreu** (***.540.544-**), em **10/12/2024 21:27:23** com chave **b0bbb318b75611ef92d21a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 10/12/2024

Código de Autenticação: fd3471



A todas as pessoas que me ajudaram ao longo deste percurso, a minha família, a minha namorada, aos meus amigos e professores, DEDICO.

“Investir em conhecimento sempre rende os melhores juros.” **Benjamin Franklin.**

RESUMO

A Educação Financeira (EF) é fundamental para desenvolver habilidades que capacitam os indivíduos a tomarem decisões financeiras seguras e conscientes. Este trabalho explora a importância da EF na formação escolar e sua aplicação prática por meio de atividades críticas, destacando sua relevância para o desenvolvimento de competências financeiras e sociais em estudantes da Educação Básica. Neste trabalho buscamos dar respostas para a seguinte pergunta: De que maneira a Educação Financeira, integrada a perspectivas críticas, pode estimular reflexões sobre as implicações sociais, econômicas e educacionais do empreendedorismo, questionando suas lógicas meritocráticas e individualistas? Para isso, de forma geral, objetivamos analisar como a EF, alinhada a abordagens críticas, pode contribuir para a formação de uma visão crítica sobre o empreendedorismo, considerando seus impactos sociais, econômicos e educacionais e sugerindo formas de integrar esses temas no contexto escolar. Para o alcance desse objetivo foi aplicada uma atividade prática integrante de um Produto Educacional desenvolvido em uma pesquisa de doutorado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba. Essa atividade buscou promover a reflexão sobre o consumo responsável, o empreendedorismo e suas implicações sociais, ao mesmo tempo em que desafiou a visão mercadológica predominante. Com base em uma revisão teórica, o trabalho aborda as diferentes perspectivas da EF, incluindo a visão mercadológica, que traz uma perspectiva individualizada e voltada apenas ao funcionamento do mercado financeiro, e a abordagem crítica, que promove a reflexão sobre o impacto social e ético das práticas financeiras. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, visando compreender de forma aprofundada as percepções e reflexões dos alunos do Ensino Médio sobre temas como EF e empreendedorismo. Foi realizado o desenvolvimento da atividade prática, que incluiu discussões críticas sobre os conteúdos abordados. Os resultados demonstraram que, apesar das dificuldades iniciais, os estudantes participaram ativamente, apresentando reflexões que evidenciaram uma ruptura parcial com a visão tradicional e individualista de empreendedorismo. Este estudo contribui para o entendimento da EF e do empreendedorismo sob um olhar crítico como componentes essenciais da educação contemporânea.

Palavras-Chave: educação financeira; educação matemática crítica; atividades críticas; empreendedorismo.

ABSTRACT

Financial Education (EF) is fundamental to developing skills that enable individuals to make safe and informed financial decisions. This work explores the importance of EF in school education and its practical application through critical activities, highlighting its relevance for the development of financial and social skills in students of Basic Education. In this work we seek to give answers to the following question: How financial education, integrated with critical perspectives, can stimulate reflections on the social, economic and educational implications of entrepreneurship, questioning their meritocratic and individualistic logics? For this, in general, we aim to analyze how the EF, aligned with critical approaches, can contribute to the formation of a critical view on entrepreneurship, considering its social impacts, economic and educational issues and suggesting ways to integrate these themes in the school context. To achieve this goal, a practical activity was applied as part of an Educational Product developed in a doctoral research of the Graduate Program in Science Teaching and Mathematics Education at the State University of Paraíba. This activity sought to promote reflection on responsible consumption, entrepreneurship and its social implications, while challenging the prevailing market view. Based on a theoretical review, the work addresses the different perspectives of EF, including the market view, which brings an individualized perspective and focused only on the functioning of the financial market, and the critical approach, that promotes reflection on the social and ethical impact of financial practices. The research adopts a qualitative approach, aiming to understand in depth the perceptions and reflections of high school students on topics such as EF and entrepreneurship. The development of the practical activity was carried out, which included critical discussions on the contents addressed. The results showed that, despite initial difficulties, students actively participated, presenting reflections that evidenced a partial break with the traditional and individualistic view of entrepreneurship. This study contributes to the understanding of EF and entrepreneurship under a critical look as essential components of contemporary education.

Keywords: financial education; critical mathematics education; critical activities; entrepreneurship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA	13
2.1 Aspectos históricos da Matemática Financeira e Educação Financeira	13
2.2 Diferenças entre a Educação Financeira e Matemática Financeira	18
2.3 Educação Financeira na perspectiva mercadológica	19
2.4 Educação Matemática e Educação Financeira na perspectiva crítica	21
2.5 Conceitos Fundamentais da Educação Financeira na BNCC	24
2.6 Atividades Críticas no Ensino e sua Relação com o Empreendedorismo	27
3 METODOLOGIA	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS	54
ANEXO A: ATIVIDADE UTILIZADA NA PESQUISA	55

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto socioeconômico, a necessidade de promover a Educação Financeira (EF) desde a infância tornou-se imperativa, pois é essencial preparar indivíduos para lidar com a crescente complexidade das relações econômicas e com as constantes transformações no mercado financeiro. Nesse cenário, os recursos financeiros, como orçamento, crédito, poupança e investimentos, exigem um manejo eficiente para garantir estabilidade e segurança no presente e no futuro. Savóia, Saito e Santana (2007) conceituam a EF como um processo de transferência de conhecimento que capacita os indivíduos a desenvolverem habilidades essenciais, como planejamento financeiro, controle de gastos, tomada de decisões conscientes e avaliação de riscos. Essas habilidades são indispensáveis para construir competências mais amplas, como autonomia financeira, visão crítica sobre práticas econômicas e capacidade de adaptação às mudanças socioeconômicas. Ao adquirirem essas competências, os indivíduos tornam-se membros mais integrados na sociedade e participantes ativos no cenário financeiro, o que, por sua vez, contribui para melhorias significativas em sua qualidade de vida e bem-estar social.

A pergunta central desta pesquisa reside em compreender como a EF, quando alinhada a abordagens críticas, pode contribuir para a formação de uma visão reflexiva sobre o empreendedorismo e seus impactos sociais, econômicos e educacionais. A questão que orienta o estudo é: "De que maneira a Educação Financeira, integrada a perspectivas críticas, pode estimular reflexões sobre as implicações sociais, econômicas e educacionais do empreendedorismo, questionando suas lógicas meritocráticas e individualistas?" Esta pergunta surge da constatação de que, frequentemente, a EF é abordada de forma superficial, centrada na lógica de mercado e no consumo, sem considerar desigualdades estruturais que afetam as oportunidades de empreender. Assim, o desafio está em explorar como a EF pode superar tais limitações e estimular reflexões que permitam aos indivíduos analisar as consequências éticas e sociais de suas escolhas financeiras e empreendedoras.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como a EF, alinhada a abordagens críticas, pode contribuir para a formação de uma visão crítica sobre o empreendedorismo, considerando seus impactos sociais, econômicos e educacionais e sugerindo formas de integrar esses temas no contexto escolar. Para alcançar esse objetivo delineamos cinco objetivos específicos: 1) Explorar a relação entre Educação Financeira e Matemática Financeira, destacando diferenças e complementaridades; 2) Investigar as percepções de alunos do Ensino Médio sobre o empreendedorismo por meio de atividades reflexivas e

críticas; 3) Identificar como a Educação Financeira pode contribuir para a formação de cidadãos conscientes e críticos no contexto escolar; 4) Analisar as perspectivas mercadológicas e críticas da Educação Financeira, com base em referenciais teóricos e na BNCC; 5) Propor reflexões pedagógicas sobre a integração da Educação Financeira como tema transversal no ensino básico. Essas reflexões visam a promover uma educação que não apenas desenvolva habilidades financeiras práticas, mas que também contribua para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos, alinhados às demandas de uma sociedade contemporânea mais informada e equitativa.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (2004), a importância da EF sempre foi destacada no contexto do apoio aos consumidores, proporcionando informações essenciais para o planejamento e gerenciamento eficaz de suas receitas, promoção da poupança, orientação em investimentos e prevenção contra possíveis golpes financeiros. Dada a significativa relevância dessa abordagem para a vida individual e o tecido social, acredita-se que a EF deva ser introduzida desde a infância, especialmente no início da vida escolar. Esse período é considerado ideal para influenciar positivamente o comportamento das crianças, aproveitando a receptividade de suas mentes para absorver novos conceitos (Silva e Powell, 2013).

Ensinar sobre educação financeira nas escolas é fundamental nos dias de hoje. Afinal, todos nós lidamos com o dinheiro no dia a dia, e saber como usá-lo de forma inteligente é essencial para o nosso bem-estar. A ausência de um ensino estruturado sobre finanças pessoais nas escolas pode resultar em uma população menos preparada para enfrentar desafios financeiros, contribuindo, assim, para a perpetuação de desigualdades sociais e econômicas. Ademais, promove benefícios vastos e multidimensionais. Primeiramente, ela proporciona aos estudantes uma compreensão mais profunda do funcionamento do sistema financeiro, capacitando-os a lidar com situações cotidianas, como a administração do dinheiro recebido, a compreensão das contas familiares e a tomada de decisões sobre gastos e economias.

No Brasil, no século XXI, foram implementadas transformações significativas no cenário educacional, incluindo a instituição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018. Essa iniciativa abrange tanto o Ensino Fundamental (EF) quanto o Ensino Médio (EM), com a finalidade de orientar a (re)formulação dos currículos nas escolas, abrangendo redes públicas e privadas em todo o território nacional.

A BNCC nos convida a pensar a educação de forma mais integrada. Em vez de compartilhar o conhecimento em disciplinas isoladas, ela propõe que as escolas interligam

diferentes áreas do saber. Assim, a EF não fica restrita à Matemática, mas se conecta com História, Geografia, Português e outras disciplinas. Isso permite que os alunos vejam como o dinheiro está presente em todos os aspectos da vida e aprendam a tomar decisões financeiras mais conscientes, de maneira que:

O tema ganhou maior destaque, além de um enfoque diferente. Sai a Matemática Financeira pura e entra a preocupação em formar cidadãos mais capazes de tomar boas decisões quando o assunto é dinheiro – tanto na vida pessoal quanto no convívio social. Para isso, a Base propõe situações do cotidiano do estudante como pano de fundo. É importante que o professor de Matemática promova um estudo no contexto da educação financeira tanto na dimensão espacial (impactos das ações e decisões financeiras sobre um contexto social específico) como na dimensão temporal (como as decisões tomadas no presente podem afetar o futuro) (Novos temas e reorganização das áreas, 2020, p.8).

Levando em consideração o histórico recente das políticas públicas voltadas à promoção da EF, foi estabelecido que o Programa Educação Financeira nas Escolas assume o papel de iniciativa governamental responsável por incorporar de maneira abrangente o ensino dessa temática na educação básica do país (Brasil, 2018a).

Reconhecendo a relevância dessa disciplina no contexto da educação dos estudantes do EM e na construção da autonomia em conhecimento econômico, percebemos a importância fundamental desse aprendizado para o dia a dia da sociedade. Certamente, ela contribui para o desenvolvimento de uma compreensão autônoma e prática dos princípios econômicos, sendo, portanto, uma habilidade valiosa para a vida cotidiana.

Na seção 2 abordamos a EF, explorando seus aspectos históricos e conceituais, as diferenças entre EF e MF, e as perspectivas mercadológicas e críticas sobre o tema. Também discutimos os conceitos fundamentais de EF estabelecidos pela BNCC, destacando a importância de uma abordagem educacional que promova a cidadania financeira e o desenvolvimento de competências críticas. Este capítulo oferece, assim, um panorama detalhado das teorias e práticas que fundamentam a EF e sua relevância no currículo escolar.

Na seção 3, são apresentados os aspectos metodológicos deste trabalho, com ênfase na abordagem adotada para investigar as percepções dos alunos sobre a EF e o empreendedorismo. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada com estudantes do Ensino Médio, utilizando uma atividade prática que envolvia a leitura e análise de dois textos com perspectivas distintas sobre o empreendedorismo. O objetivo foi estimular os alunos a refletirem sobre as implicações sociais, econômicas e educacionais do tema. A metodologia também inclui a explicitação dos participantes, o ambiente da pesquisa e os instrumentos utilizados para a coleta de dados, como as discussões em sala e as respostas dos alunos, que

foram analisadas de maneira a identificar padrões e contribuições relevantes para a compreensão dos temas abordados. A escolha dessa metodologia foi fundamentada na necessidade de uma investigação profunda sobre as reflexões dos estudantes, permitindo um olhar mais crítico sobre a integração da EF e do empreendedorismo.

Na seção 4, temos os resultados e discussões deste trabalho tendo como foco a análise das percepções dos alunos do Ensino Médio sobre a EF e o empreendedorismo, a partir de uma atividade prática que propôs reflexões críticas sobre esses temas. A atividade, estruturada em torno de textos com perspectivas distintas sobre o empreendedorismo, buscou estimular debates acerca das implicações sociais, econômicas e educacionais dessa temática, além de explorar como os estudantes interpretam e se posicionam diante das abordagens mercadológicas e críticas apresentadas. Durante a análise, foram avaliadas as respostas escritas dos alunos, as interações observadas durante a atividade e os principais argumentos trazidos à tona, com destaque para as contradições identificadas entre a idealização do empreendedorismo e os desafios enfrentados na realidade cotidiana. As discussões também se articulam com os referenciais teóricos utilizados, evidenciando como a abordagem crítica da EF pode ampliar o entendimento dos alunos sobre as relações financeiras e sua inserção no contexto escolar. Esta seção, portanto, apresenta as reflexões dos participantes, os padrões identificados nas respostas e as possíveis implicações pedagógicas para a inclusão da EF.

Finalizamos o trabalho apresentando os resultados obtidos baseados nas análises realizadas ao longo do percurso e as considerações finais. Ao final, estão incluídas as seções de Referências e Anexos.

A escolha por trabalhar com esta atividade se deu pela sua capacidade de integrar os aspectos teóricos discutidos na pesquisa com a prática educativa, permitindo aos alunos refletirem sobre o papel do empreendedorismo e da EF em suas vidas. Essa abordagem contribui para uma compreensão ampla e crítica, articulando os conhecimentos matemáticos e financeiros ao contexto social e às vivências dos estudantes.

A motivação para pesquisar esse tema surge da percepção de que, no ensino tradicional, a EF é abordada de forma superficial, limitando-se aos cálculos matemáticos e negligenciando sua dimensão crítica e transformadora. Durante minha trajetória acadêmica e como educador, percebi a necessidade de conectar o ensino da matemática a questões sociais e culturais relevantes, contribuindo para uma formação que transcenda o âmbito técnico e capacite os alunos a refletirem sobre as implicações éticas e sociais de suas escolhas financeiras. Essa inquietação pessoal e profissional me levou a investigar como a EF pode ser integrada de maneira mais significativa aos desafios da sociedade contemporânea, com

especial atenção ao empreendedorismo. A partir de uma atividade prática que envolve o desenvolvimento de ideias empreendedoras, busquei promover olhares críticos sobre as questões financeiras, incentivando os alunos a refletirem sobre a importância do planejamento financeiro, a gestão de recursos e as implicações econômicas de suas escolhas, tanto no contexto pessoal quanto profissional.

2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Nesta seção, proporcionamos ao leitor uma incursão pela revisão bibliográfica, onde apresentamos os rumos que foram escolhidos para moldar o corpo deste trabalho. Inicialmente, trazemos um panorama histórico, revisando as primeiras manifestações de trocas comerciais e a formalização de valores monetários ao longo das eras, evidenciando como essas práticas evoluíram para a necessidade de uma EF estruturada. Em seguida, abordamos a EF sob a perspectiva mercadológica, explorando seu entendimento como um conjunto de conhecimentos e habilidades voltados para capacitar indivíduos a lidarem com o mercado financeiro e o consumo de forma consciente e planejada. No entanto, também analisamos suas limitações, especialmente quando desconsidera questões estruturais, como a desigualdade social e as relações de poder que impactam a vida financeira de cada indivíduo. Avançando a seção, discutimos sobre a Educação Matemática Crítica (EMC) e a Educação Financeira Crítica (EFC), que trazem uma abordagem reflexiva e analítica para a EF. Além disso, contextualizamos a EF na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), analisando como esse tema foi integrado ao currículo escolar brasileiro, sobretudo no Ensino Médio, de forma transversal e interdisciplinar. Por fim, destacamos a relevância das atividades críticas no ensino, evidenciando seu papel como ferramentas pedagógicas para promover reflexões profundas e contextualizadas, permitindo que os alunos questionem práticas tradicionais de consumo e empreendedorismo.

2.1 Aspectos históricos da Matemática Financeira e Educação Financeira

Nas civilizações primitivas, os homens sobreviviam daquilo que estava disponível na natureza, portanto, praticamente não ocorriam trocas comerciais. Mas a partir do início da comunicação entre os primeiros grupos humanos surgiram as primeiras trocas de mercadorias, que funcionavam a partir da quantidade excedente de produtos onde não possuíam equivalência de valores. Assim descritas por Ifrah (1997, p.145):

O primeiro tipo de troca comercial foi o escambo, fórmula segundo a qual se trocam diretamente (e, portanto sem a intervenção de uma “moeda” no sentido moderno da palavra) gêneros e mercadorias correspondentes a matérias primas ou a objetos de grande necessidade.

Embora seus métodos fossem menos sofisticados do que os usados atualmente, essas sociedades estabeleceram as bases para o desenvolvimento da MF ao longo do tempo.

As relações de equivalência de preços na História da MF começaram a ser estabelecidas no final da Idade Média e no período do Renascimento. Matemáticos e comerciantes desenvolveram técnicas e métodos para comparar preços de bens e moedas, utilizando regras de três, conversões monetárias e cálculos financeiros. Esses avanços contribuíram para uma compreensão mais precisa e sistemática das relações de equivalência de preços, já que foram criadas diversas moedas iniciando o comércio do próprio dinheiro, na época, ouro e prata. Como as relações entre países aumentaram, essas moedas eram trocadas constantemente, “mas, ao passar as fronteiras, a questão quantidade de ouro em cada moeda se torna muito importante, pois o país comprador paga com sua moeda, uma soma equivalente à quantidade de ouro contida na moeda do país vendedor.” (Robert, 1989, p.31).

Durante a Idade Média e o Renascimento, o surgimento do sistema bancário e o desenvolvimento do comércio internacional impulsionaram a necessidade de conhecimentos financeiros mais sofisticados. As primeiras instituições financeiras, como os bancos, foram estabelecidas, e princípios básicos de contabilidade e gestão financeira começaram a ser formalizados.

Apesar de sua importância, a EF só se tornou um assunto mais evidente a partir do século XX após a crise econômica de 1929, com o avanço da globalização e o crescimento dos mercados financeiros.

Durante a Grande Depressão em 1929, um dos períodos mais turbulentos da história econômica mundial, ocorreram profundas transformações sociais e financeiras. Milhões de pessoas perderam seus empregos, empresas enfrentaram falências em massa e muitos indivíduos viram suas economias pessoais evaporarem. Esta crise foi amplamente atribuída a práticas financeiras arriscadas e à ausência de regulamentação adequada nos mercados financeiros, que permitiram a especulação desenfreada e a formação de bolhas econômicas. Acarretando consequências devastadoras que se estenderam por todo o mundo. O aumento da pobreza, a crescente desigualdade social e a instabilidade econômica afetaram milhões de pessoas, gerando um profundo impacto nas sociedades da época.

Diante dessa experiência traumática, começou a emergir um reconhecimento cada vez maior da importância de educar as pessoas sobre questões financeiras. As duras lições aprendidas com a Grande Depressão levaram à implementação de políticas e regulamentações financeiras mais rigorosas em muitos países. Os governos, instituições financeiras e organizações da sociedade civil passaram a promover programas e iniciativas educacionais voltadas para o público em geral, visando ajudar as pessoas a compreenderem melhor como gerenciar suas finanças pessoais, investimentos e dívidas.

De acordo com a OCDE, a importância da EF para os consumidores sempre foi indiscutível, pois ajuda na organização do orçamento, na administração da renda, no estímulo à poupança e investimento, além de prevenir contra fraudes. Contudo, sua crescente relevância nos últimos anos se deve principalmente ao avanço dos mercados financeiros e às transformações demográficas, econômicas e políticas que vêm ocorrendo.

Essa ênfase renovada na EF refletiu um entendimento mais amplo de que a estabilidade econômica e o bem-estar financeiro de indivíduos e comunidades são fundamentais para o funcionamento saudável da economia como um todo. Assim, a partir das cinzas da Grande Depressão, nasceu um movimento global em prol da alfabetização financeira, com o objetivo de capacitar as pessoas a tomarem decisões mais informadas e responsáveis em relação ao seu dinheiro e seu futuro financeiro.

A legitimação da EF como área de interseção entre o mundo das finanças e a educação formal é um acontecimento recente. Nos Estados Unidos, considerado um centro imperialista mundial, já se observava desde os anos 1950 um movimento para incluir disciplinas de economia no currículo das escolas secundárias (Soares, 2017, p.84).

A OCDE, estabelecida por meio de um tratado assinado em 14 de dezembro de 1960, entrou em vigor em 03 de setembro de 1961. Surgiu com o propósito de suceder a Organização Econômica para a Cooperação Europeia (OECE), fundada em 1948, que implementou diretrizes do Plano Marshall visando o desenvolvimento econômico da Europa.

A origem da OCDE, pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), está ligada às concepções ideológicas lideradas pelo presidente Truman dos EUA durante o período da Guerra Fria, época histórica marcada pela polarização global que dividiu o mundo entre países com regimes capitalistas e comunistas.

A partir dos anos 1990, o Estado brasileiro passou por uma profunda transformação, adotando uma série de reformas de cunho neoliberal aplicadas pelos governos Collor (1990 - 1992) e Cardoso (1995 - 2003) o Brasil entrou na segunda etapa da financeirização convertendo-se em uma “plataforma internacional de valorização financeira e produtor de bens primários” (Paulani, 2013, p.245).

Essas mudanças foram fortemente influenciadas pelo processo de globalização, que provocou alterações significativas nas bases tecnológicas, produtivas, financeiras e educacionais do país. Como resultado, houve uma redefinição do papel do governo no fornecimento de serviços, bens e na proteção dos cidadãos, incluindo aspectos sociais e regulatórios.

A preocupação com a EF tem ganhado destaque em várias nações, impulsionando uma maior investigação sobre o assunto. Apesar das críticas relacionadas à eficácia e alcance dos programas, especialmente entre os adultos, é evidente a necessidade de implementar iniciativas estruturadas para capacitar a população nesse aspecto.

Com a estabilidade econômica, as premissas se invertem gradualmente e os prazos de planejamento são ampliados. Os ativos financeiros passam a ser valorizados em comparação com imóveis, terras e outros bens reais. No entanto, essa transição para um novo paradigma não ocorre de forma automática, é necessário um longo processo de aprendizado por parte dos indivíduos e das famílias, para compreenderem a nova perspectiva na gestão financeira de seu patrimônio pessoal.

Um dos principais impulsionadores desse novo cenário foi a estabilização da moeda a partir da implementação do Plano Real em 1994, que resultou na redução da inflação. Durante períodos inflacionários, a característica predominante nas decisões financeiras é o curto-prazismo, levando os indivíduos a buscarem formas de proteger seu poder de compra e seu patrimônio. Nesse contexto, a preferência por ativos reais e a busca por liquidez tendem a encurtar o horizonte de planejamento, priorizando o consumo em detrimento da poupança de longo prazo.

No presente momento, os principais objetivos da OCDE incluem impulsionar as economias dos países membros e participantes, estimular e aprimorar o desenvolvimento econômico de maneira sustentável, fomentar a paz, eliminar a pobreza, buscar o aprimoramento na qualidade de vida, entre outros, por meio da colaboração e assistência internacional mútua. Isso significa que o objetivo é que o indivíduo aceite e se adapte às situações apresentadas, sem questioná-las, de forma a garantir sua manutenção e preservar o *status quo* (Freire, 2013).

Nos anos 2000, a partir de políticas sociais e econômicas do governo, o acesso ao crédito se tornou um ponto crucial na trajetória da EF, já que, com condições macroeconômicas mais favoráveis, os brasileiros poderiam adquirir novos produtos e serviços com maior facilidade.

Neste cenário de mudanças estruturais, os dois mandatos do governo Lula (2003 - 2011), longe de reverterem a financeirização em curso, contribuíram para seu aprofundamento. Embora tenha havido uma significativa melhora dos termos de troca, levando à valorização de importantes *commodities* brasileiras no mercado internacional, outras políticas implementadas durante esse período também influenciaram esse fenômeno.

Neste processo, é destacada a criação do Financial Education Project no âmbito da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 2003 “com o objetivo de analisar a efetividade das iniciativas existentes nos países, desenvolver técnicas que permitam a comparação dos programas, de modo a prover um conjunto de recomendações de melhores práticas para a sua implantação” (Smith *apud* Savoia, Sato, Santana, 2007, p.1128).

Em 2007, o governo brasileiro criou um Grupo de Trabalho (GT) com o objetivo de ampliar o letramento financeiro da população. Esse GT, coordenado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), contou com a participação de representantes do Banco Central do Brasil, da Secretaria de Previdência Complementar (SPC) e da Superintendência de Seguros Privados (SUSEP). A principal meta era a elaboração de uma proposta para a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) (Moreira, 2018, p.119), que incluía a realização de um levantamento das iniciativas de educação financeira já existentes no país e um estudo sobre o nível de conhecimento financeiro da população brasileira. Além disso, a ENEF previa ações direcionadas tanto para adultos quanto para o público escolar, com enfoque específico na EF nas instituições de ensino.

Em 2008, a OCDE estabeleceu a Rede Internacional de EF, com o objetivo de coordenar esforços nacionais e impulsionar a EF em todo o mundo (Saraiva, 2017, p.158).

A ENEF, é uma política de Estado que trabalha com a promoção da EF, em suas diversas facetas. Criada em 2010 no Brasil por meio do Decreto Federal nº 7.397/2010, foi renovada em 2020 por meio do Decreto Federal nº 10.393.

Em 2012, foi lançado o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) pela OCDE, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento dos estudantes de 12 a 15 anos sobre o tema (Costa, 2019, p.73). Além disso, até 2015, pelo menos 59 países já haviam desenvolvido sua ENEF, evidenciando um esforço contínuo da OCDE para promover a EF em escala global.

As resoluções contemporâneas da MF baseiam-se na aplicação de princípios matemáticos e estatísticos avançados. O uso de tecnologia e *software* especializados permite a realização de cálculos complexos de forma rápida e precisa. Além disso, modelos matemáticos e estatísticos são usados para analisar riscos financeiros, tomar decisões de investimento e avaliar cenários econômicos. De acordo com Santos (2005, p.157):

De uma forma simplificada, podemos dizer que a Matemática Financeira é o ramo da Matemática Aplicada que estuda o comportamento do dinheiro no tempo. A Matemática Financeira busca quantificar as transações que ocorrem no universo

financeiro levando em conta a variável tempo, ou seja, o valor monetário no tempo (*time value money*). As principais variáveis envolvidas no processo de quantificação financeira são a taxa de juros, o capital e o tempo.

Assim, ao explorar o percurso histórico da MF e EF, torna-se mais claro o motivo pelo qual essas disciplinas são essenciais na contemporaneidade. Reconhecer esse desenvolvimento ao longo do tempo ajuda a reforçar a importância da alfabetização financeira como um meio para capacitar os indivíduos a fazerem escolhas informadas e conscientes, contribuindo para a saúde financeira pessoal e coletiva e, em última análise, para uma economia mais equilibrada e resiliente.

2.2 Diferenças entre a Educação Financeira e Matemática Financeira

A Matemática Financeira (MF) e a Educação Financeira (EF) são conceitos interligados, mas com diferenças significativas em seus objetivos e abordagens. A MF é um campo da matemática aplicada que se concentra em fornecer ferramentas e modelos para calcular e interpretar o valor do dinheiro ao longo do tempo, sendo especialmente útil para transações como cálculo de juros, avaliação de financiamentos e investimento de capital. Puccini (2007, p.12) define a Matemática Financeira como:

[...] um corpo de conhecimento que estuda a mudança de valor do dinheiro com o decurso de tempo; para isso cria modelos que permitem avaliar e comparar o valor do dinheiro em diversos pontos do tempo.

Na prática, a MF é empregada para organizar as finanças pessoais, ajudando em operações comerciais e de crédito, e é fundamental para compreensões técnicas de juros simples e compostos, amortizações e capitalizações.

Entretanto, a MF, em sua forma tradicional, “não basta para cumprir o papel de formar cidadãos para atuarem em cenários complexos” (Kistemann Jr. *et al.* 2020, p.9). O ensino de MF geralmente se concentra na aplicação de fórmulas e cálculos, mas, como aponta Kistemann Jr., é fundamental que a MF avance para uma perspectiva que vá além dos cálculos isolados, incluindo reflexões sobre o significado e as implicações das operações financeiras no contexto real dos alunos (Kistemann Jr., 2020, p.5). Assim, mesmo ao abordar conceitos técnicos, a MF é apresentada na BNCC de forma interdisciplinar, permitindo que os alunos compreendam como os temas financeiros impactam sua realidade social e econômica.

Em contraste, a EF abrange uma visão mais ampla, com o objetivo de capacitar os indivíduos a fazerem escolhas financeiras conscientes e embasadas, promovendo um

entendimento mais profundo sobre o uso do dinheiro no cotidiano. De acordo com Gallery *et al.* (2011, p.288), a EF é “a capacidade de fazer julgamentos inteligentes e decisões eficazes em relação ao uso e gestão do dinheiro.” A abordagem proposta na BNCC entende a EF como um recurso essencial para o desenvolvimento de competências que possibilitam ao estudante agir com responsabilidade e autonomia em suas finanças. Observa-se que a EF transcende a MF ao explorar temas como consumo consciente, ética financeira, sustentabilidade e planejamento financeiro de longo prazo.

A BNCC estabelece que a EF deve ser tratada de forma transversal, ou seja, integrando diferentes disciplinas e abordagens para que o aluno não apenas compreenda conceitos técnicos, mas também reflita sobre os impactos sociais e econômicos de suas escolhas. Segundo Kistemann Jr. (2020), a EF promove uma “literacia financeira” que forma indivíduos mais conscientes e críticos, aptos a compreender as pressões de *marketing* e os riscos associados ao endividamento. Nesse sentido, a EF não se limita aos números; ela considera os fatores sociais, culturais e econômicos que afetam o comportamento financeiro, promovendo uma visão que capacita o aluno a participar da economia de maneira mais ética e sustentável.

Portanto, receber uma boa EF desde cedo é crucial para desenvolver maturidade e aptidão para lidar com questões financeiras, ajudando-nos a tomar decisões conscientes e responsáveis. Freire (2018, p.105), afirma que "ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas."

De modo geral, enquanto a MF se ocupa de métodos e cálculos específicos para resolver problemas financeiros, a EF amplia essa perspectiva, oferecendo uma compreensão contextualizada e crítica sobre o dinheiro e suas relações com o indivíduo e a sociedade. Ela possibilita o desenvolvimento de habilidades práticas e reflexivas que são fundamentais para uma cidadania ativa e responsável. Dessa forma, a EF vai além da técnica matemática, abordando aspectos sociais e econômicos que contribuem para a construção de um cidadão capaz de tomar decisões financeiras mais conscientes e bem-informadas, alinhando-se às diretrizes da BNCC para a formação integral dos estudantes.

2.3 Educação Financeira na perspectiva mercadológica

A EF na perspectiva mercadológica é abordada como uma maneira de preparar os indivíduos para lidar com as complexidades econômicas do dia a dia em uma sociedade

capitalista. Este enfoque inclui ensinar como gerenciar o fluxo de caixa, compreender a movimentação de dinheiro e evitar armadilhas. Lima (2014, p.2) afirma:

"Falar em educação financeira nos dias de hoje pode ser considerado como algo novo que precisa ser introduzido o quanto antes na sociedade. Saber ganhar, gastar e poupar de forma honesta são habilidades que precisam ser desenvolvidas por todos, de modo a manter em equilíbrio a vida cotidiana."

Nesse contexto, a EF não é apenas uma ferramenta para gerenciar finanças pessoais, mas também uma competência essencial que capacita os indivíduos a participar de forma mais consciente e crítica na economia de mercado. A ênfase está na capacidade dos indivíduos de avaliar produtos financeiros, compreender suas necessidades financeiras e fazer escolhas que melhorem sua saúde financeira a longo prazo. Isso é especialmente importante em um mundo onde o acesso ao crédito e as ofertas de produtos financeiros são abundantes, mas nem sempre transparentes. Educar as pessoas para que elas possam discernir entre opções financeiras saudáveis e prejudiciais pode prevenir o endividamento excessivo e promover práticas de consumo sustentável.

Outro aspecto importante da perspectiva mercadológica é a ênfase no planejamento financeiro como uma ferramenta de empoderamento. Planejar as finanças pessoais permite que os indivíduos estabeleçam metas financeiras e desenvolvam estratégias para alcançá-las, como criar orçamentos, economizar para emergências, investir de forma inteligente e preparar-se para a aposentadoria. Porém, essa visão é criticada por, muitas vezes, transferir a responsabilidade por questões estruturais para o indivíduo, ignorando desigualdades econômicas e sociais que dificultam ou até impossibilitam o planejamento financeiro para grande parte da população. Além disso, a abordagem mercadológica tende a priorizar metas de consumo e acumulação de patrimônio, frequentemente negligenciando aspectos como bem-estar emocional e qualidade de vida.

Outrossim, a perspectiva mercadológica da EF promove a ideia de que o conhecimento financeiro não é apenas benéfico para o indivíduo, mas também para a sociedade como um todo. Consumidores bem-informados e financeiramente saudáveis contribuem para uma economia mais estável e robusta. Eles estão em uma posição melhor para lidar com crises econômicas, o que reduz o risco de instabilidade financeira mais ampla. Assim, investir na EF de uma população pode ser visto como uma estratégia para fortalecer a resiliência econômica de um país.

Apesar dos benefícios destacados, é necessário reconhecer que a perspectiva mercadológica apresenta desafios. Críticos apontam que, ao enfatizar a responsabilidade

individual, ela pode ignorar barreiras estruturais que dificultam o acesso de muitos ao sucesso financeiro, como desigualdade de renda e exclusão social. Como reforçam Cunha (2020) e Antunes (2019), a promoção da EF sem uma análise crítica pode reproduzir discursos meritocráticos que responsabilizam o indivíduo por falhas sistêmicas, minimizando a importância de políticas públicas voltadas à redução de desigualdades.

Ao enfatizar o sucesso individual, não leva em consideração as desigualdades estruturais, que representam barreiras econômicas e sociais para muitas pessoas. O ideal de que todos podem alcançar a independência financeira por meio do esforço pessoal ignora variáveis importantes, como as diferenças de acesso a recursos e a educação, as dinâmicas de poder, e as limitações impostas por questões estruturais, como a desigualdade social, o desemprego e a exploração trabalhista. Essas questões dificultam o acesso de grande parte da população a oportunidades econômicas e financeiras iguais, restringindo a possibilidade de prosperidade individual a uma minoria que já possui certo nível de privilégio. A perspectiva mercadológica também pode deixar de questionar criticamente a exploração inerente a algumas relações de trabalho e consumo em um sistema que privilegia o lucro acima das necessidades sociais. O foco excessivo na autossuficiência e na acumulação de riqueza individual desconsidera as consequências sociais e ambientais de um consumo desenfreado e dos desequilíbrios de poder econômico.

Por isso, ao tratar a EF unicamente sob a visão mercadológica, o conceito acaba sendo descolado da realidade de muitos e ignora o contexto social mais amplo. Para uma EF mais inclusiva e realista, é necessário integrá-la a uma perspectiva crítica, que analise as estruturas econômicas, sociais e políticas que influenciam as decisões financeiras. Essa abordagem estimula o pensamento sobre os impactos sociais das práticas econômicas e incentiva uma reflexão sobre a ética, a sustentabilidade e a justiça social, proporcionando uma visão mais completa e acessível para todos, não apenas para aqueles que já possuem recursos e oportunidades.

2.4 Educação Matemática e Educação Financeira na perspectiva crítica

A Educação Matemática Crítica (EMC) oferece uma abordagem que permite ao estudante investigar e analisar as desigualdades sociais e econômicas presentes na sociedade atual. Através desse enfoque, o aluno é encorajado a questionar as estruturas de poder e a ler e escrever o mundo com a Matemática. Para Skovsmose (1994), uma EMC é aquela que reconhece e busca enfrentar os conflitos e crises da sociedade, reagindo ativamente contra eles. O autor descreve a crise social como uma série de eventos que ocorrem no mundo,

incluindo catástrofes ambientais, distribuição desigual de recursos e alimentos, grandes disparidades econômicas e sociais, abuso de poder, e tensões entre diferentes grupos, como negros e brancos, ricos e pobres, e entre diversas religiões. No entanto, ele enfatiza que a crise social não pode ser simplificada em antagonismos binários, pois é um fenômeno complexo que não pode ser descrito de maneira linear.

Ao trabalhar com a EMC, o professor pode abordar temas como distribuição da riqueza, pobreza, desigualdade salarial, acesso a recursos básicos e o impacto das políticas econômicas no bem-estar social. O aluno é encorajado a realizar investigações, levantar questionamentos e desenvolver habilidades analíticas para compreender essas questões complexas.

Através do estudo da Matemática, o aluno pode explorar dados, estatísticas e gráficos que evidenciam as disparidades sociais e econômicas. Ele pode realizar comparações entre diferentes grupos sociais, analisar distribuições de renda e examinar as implicações das desigualdades na vida das pessoas.

Além disso, a EMC incentiva o aluno a buscar alternativas para as estruturas econômicas injustas. Ele é encorajado a pensar em soluções para promover a justiça social e a equidade, seja por meio de projetos individuais ou coletivos.

A EMC, ao abordar temas relacionados ao neoliberalismo, permite aos estudantes uma análise reflexiva das relações sociais e políticas presentes na sociedade contemporânea, capacitando-os a se posicionarem criticamente diante dessas questões. Por meio dela, os alunos desenvolvem habilidades de investigação e crítica em relação às injustiças sociais, desafiando estruturas opressivas através das palavras e ações. Essa abordagem os prepara para analisar e criticar os malefícios causados pelo neoliberalismo, incentivando-os a utilizar a Matemática como uma ferramenta para compreender e transformar a realidade ao seu redor. Além disso, os estudantes são encorajados a investigar e discutir questões sociais, ampliando seu olhar e capacitando-os a se tornarem agentes de mudança em busca de uma sociedade mais justa.

Criticar é um ato político que pode possibilitar a transformação de uma determinada realidade, seja quanto ao processo de ensino e de aprendizagem da Matemática ou quanto às questões sociais. É uma maneira de ler e interpretar a realidade, elemento propulsor da ação que nos leva à reescrita do mundo em que estamos inseridos (Lima et al., 2022, p.18).

A Educação Financeira Crítica (EFC) busca promover a capacidade dos indivíduos de questionar e compreender as estruturas e sistemas econômicos que influenciam suas vidas. Ela

vai além do simples aprendizado de habilidades financeiras básicas, como orçamento e poupança, para incluir uma análise crítica das influências sociais, políticas e econômicas que afetam as decisões financeiras. Skovsmose (2014, p.110) diz:

Consumidores são propostos a uma enorme variedade de “bens” (com sua enorme variedade de “males”). Pense em todo tipo de produto: TVs, escovas de dente, cafeteiras, pacotes turísticos e promoções de celular. [...] Como cidadãos, estamos expostos a ações, iniciativas, anúncios, projetos e decisões que fazem parte da matemática em ação. Como cidadãos, teremos de responder a várias formas de matemática em ação, e é possível que façamos isso aceitando tudo cegamente.

Além das discussões sobre finanças e dinheiro, a EFC também aborda temas transversais, como valores sociais, direitos e responsabilidades pessoais, e princípios de participação política. Esses temas visam promover o desenvolvimento da cidadania e a necessidade de transformar as necessidades da sociedade e das esferas econômicas, políticas e sociais.

No contexto neoliberal, a EFC reforça a lógica do mercado, vinculando-a diretamente ao projeto capitalista de reprodução social e econômica. A educação, nesse contexto, é moldada para atender aos interesses do sistema capitalista, promovendo uma formação alinhada com as exigências do mercado e negligenciando um ensino que poderia emancipar criticamente os indivíduos. Contudo, a perspectiva crítica analisa que, sob o neoliberalismo, a educação é desvalorizada como um direito e transformada em mercadoria, beneficiando conglomerados financeiros e educacionais. Em vez de buscar o desenvolvimento pleno dos cidadãos, a educação passa a ser instrumentalizada, preparando trabalhadores para ocupar posições subordinadas no mercado globalizado. A prioridade não é o aprendizado de qualidade, mas sim a maximização de lucros por meio da financeirização da educação, como o domínio crescente de grandes corporações no setor educacional brasileiro.

Além disso, as políticas de ajuste promovidas pelo neoliberalismo diminuem investimentos na educação pública e transferem recursos para o setor privado, ampliando desigualdades e precarizando ainda mais o acesso à educação de qualidade.

Portanto, pudemos perceber que tanto a EMC quanto a EFC são indispensáveis para o desenvolvimento de um pensamento crítico e informado. Elas capacitam os indivíduos a analisarem e interpretar informações complexas, tomar decisões bem fundamentadas e participar de forma ativa e consciente na sociedade.

2.5 Conceitos Fundamentais da Educação Financeira na BNCC

Ao analisar os conceitos do documento da BNCC de 2018, especificamente para o Ensino Médio, revela a utilização da expressão “Educação Financeira” em algumas ocasiões distintas. Destarte, é possível identificar que ela está alinhada a uma perspectiva predominantemente mercadológica. Essa ênfase é evidente tanto na escolha dos conteúdos quanto nos objetivos traçados, que priorizam o desenvolvimento de habilidades práticas voltadas para a inserção dos estudantes nas dinâmicas econômicas contemporâneas. Na seção introdutória, a BNCC a considera um dos temas contemporâneos fundamentais que devem ser integrados de maneira transversal e integrada ao currículo escolar, junto a outros temas.

Por fim, cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: [...] educação para o consumo, educação financeira e fiscal. [...] Brasil (2018, p.18).

No que se refere à área da Matemática, a BNCC destaca a importância do conhecimento matemático para todos os estudantes da educação básica, observando sua aplicação na sociedade atual e sua contribuição para a formação de cidadãos críticos responsáveis.

Para o Ensino Fundamental, a BNCC introduz quatro habilidades que se relacionam diretamente com o conceito de EF, indicando o compromisso de desenvolver o letramento matemático dos alunos (BNCC, p.266). Essas habilidades estão relacionadas a competências como raciocínio, representação, comunicação e argumentação matemáticos, que auxiliam na tomada de decisões e resolução de problemas cotidianos, elementos essenciais para formar cidadãos críticos e conscientes.

Quadro 1 - Educação Financeira nas habilidades da BNCC para o Ensino Fundamental

Ano	Habilidade	Descrição
5º ano	EF05MA06	Associar as representações 10%, 25%, 50%, 75% e 100% respectivamente à décima parte, quarta parte, metade, três quartos e um inteiro, para calcular porcentagens, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, em contextos de educação

		financeira, entre outros.
6º ano	EF06MA13	Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com base na ideia de proporcionalidade, sem fazer uso da “regra de três”, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, em contextos de educação financeira, entre outros.
7º ano	EF07MA02	Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, como os que lidam com acréscimos e decréscimos simples, utilizando estratégias pessoais, cálculo mental e calculadora, no contexto de educação financeira, entre outros.
9º ano	EF09MA05	Resolver e elaborar problemas que envolvam porcentagens, com a ideia de aplicação de percentuais sucessivos e a determinação das taxas percentuais, preferencialmente com o uso de tecnologias digitais, no contexto da educação financeira.

Fonte: Brasil (2018)

Essas habilidades enfatizam o entendimento de porcentagens, limitando o escopo da EF. Segundo a OCDE, uma abordagem completa de EF engloba conhecimento sobre produtos financeiros, análise de investimentos e compreensão de riscos, promovendo decisões financeiras que assegurem bem-estar e segurança no futuro. O foco em porcentagens, embora importante, restringe-se a uma parte do conteúdo financeiro necessário para desenvolver o cidadão crítico e responsável almejado.

A EF também é essencial para a elaboração e execução do projeto de vida dos jovens, pois contribui para a construção de habilidades essenciais para tomada de decisões e para o exercício da cidadania. No Ensino Médio, a EF visa consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, permitindo que o estudante compreenda e aplique os conceitos matemáticos no dia a dia e em sua trajetória futura, tanto pessoal quanto profissional.

O objetivo central é formar indivíduos que sejam capazes de lidar com as novas demandas do mercado de trabalho, caracterizado por mudanças aceleradas devido aos avanços tecnológicos. A BNCC define que o Ensino Médio deve promover o desenvolvimento de competências fundamentais para a autonomia e a construção de um projeto de vida, capacitando os jovens a fazerem escolhas conscientes, alinhadas com seus interesses e possibilidades, e que possibilitem enfrentar os desafios atuais de forma ética e responsável.

A EF no Ensino Médio, segundo a BNCC, deve ser incluída de maneira transversal, permeando as diferentes disciplinas e áreas de conhecimento. Ela desempenha um papel crucial na construção da autonomia e do protagonismo dos jovens ao fornecer ferramentas para o planejamento financeiro, a compreensão das relações de trabalho, consumo e dinheiro, e a tomada de decisões embasadas em conhecimento matemático e econômico.

Na área de Matemática e suas Tecnologias, a BNCC orienta para o aprofundamento e consolidação dos conhecimentos já adquiridos no Ensino Fundamental, sempre conectando os conteúdos matemáticos à realidade e aplicando-os em contextos cotidianos. A proposta é que os estudantes possam desenvolver raciocínio lógico e matemático para resolver problemas e interpretar situações em diversos contextos, promovendo uma educação que vá além do conteúdo teórico e que seja útil para o desenvolvimento de suas vidas pessoais e profissionais.

Além disso, a BNCC sugere que o Ensino Médio incentive o uso de diferentes representações matemáticas (como registros algébricos, geométricos e estatísticos) e o desenvolvimento de competências para construir argumentações lógicas e consistentes. Isso prepara o estudante para compreender conceitos financeiros complexos, como cálculo de juros compostos, variação de grandezas e funções exponenciais, essenciais para entender os impactos financeiros no presente e no futuro.

No itinerário formativo de Matemática e suas Tecnologias para o Ensino Médio, duas habilidades estão diretamente ligadas à EF, focando no uso de funções exponenciais para resolver problemas que abordam crescimento e decréscimo de variáveis financeiras. Essas habilidades incentivam o desenvolvimento de uma compreensão ampla sobre a variação de grandezas e seus efeitos práticos, aplicáveis em cenários como finanças pessoais, investimentos e mercado de trabalho.

EM13MAT304 - Resolver e elaborar problemas com funções exponenciais nos quais seja necessário compreender e interpretar a variação das grandezas envolvidas, em contextos como os de abalos sísmicos, pH, radioatividade, Matemática Financeira, entre outros.

EM13MAT305 - Resolver e elaborar problemas com funções logarítmicas nos quais seja necessário compreender e interpretar a variação das grandezas envolvidas, em contextos como os de abalos sísmicos, pH, radioatividade, Matemática Financeira, entre outros.

Portanto, a inclusão da EF no currículo da educação básica, conforme proposto pela BNCC, representa um passo significativo para a formação de cidadãos críticos, responsáveis e preparados para os desafios econômicos contemporâneos. Desde o Ensino Fundamental, com habilidades que introduzem noções de porcentagem e consumo consciente, até o Ensino

Médio, com o aprofundamento em conceitos de Matemática Financeira como funções exponenciais e logarítmicas, a proposta busca proporcionar aos estudantes uma compreensão prática e abrangente das finanças pessoais e das relações econômicas que os cercam.

2.6 Atividades Críticas no Ensino e sua Relação com o Empreendedorismo

As atividades críticas no ambiente escolar são instrumentos poderosos para fomentar o pensamento reflexivo e a análise das dinâmicas sociais e econômicas que impactam a vida dos estudantes. Essas atividades incentivam os alunos a questionarem, interpretar e propor soluções para questões complexas, conectando o aprendizado teórico à prática cotidiana. No contexto da EF, abordagens críticas permitem que os estudantes compreendam os impactos do consumo, do endividamento e das desigualdades econômicas, promovendo uma visão mais ampla e consciente.

As atividades críticas desempenham um papel fundamental no ensino de Matemática ao promoverem o desenvolvimento do pensamento reflexivo e criativo dos estudantes. Diferentemente dos exercícios tradicionais, que frequentemente priorizam a repetição mecânica e acumulam números expressivos de respostas, como destaca Skovsmose (2014, p.16):

Exercícios desempenham um papel crucial no ensino de matemática tradicional. Ao longo de todo o período em que frequentam a escola, as crianças, em sua maioria, respondem a mais de 10 mil exercícios. Contudo, essa prática não ajuda necessariamente a desenvolver a criatividade matemática.

Atividades críticas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades que vão além do domínio técnico, promovendo a capacidade de análise, argumentação e tomada de decisões em contextos complexos. Em relação ao ensino de empreendedorismo e Educação Financeira, essas práticas não apenas ensinam conceitos técnicos, como cálculos financeiros e planejamento, mas também ampliam a visão dos alunos para questões sociais, econômicas e éticas que permeiam as relações financeiras. Segundo Skovsmose (1994), a EMC possibilita aos estudantes compreender e questionar estruturas sociais e econômicas, usando a matemática como uma ferramenta para analisar desigualdades, refletir sobre problemas reais e buscar soluções que considerem a justiça social. Esse enfoque transforma a sala de aula em um espaço de construção coletiva de conhecimento, onde os alunos aprendem a relacionar conceitos matemáticos com situações concretas, como consumo consciente, orçamento familiar e impactos do empreendedorismo em diferentes contextos.

A matemacia não tem que ser meramente funcional; ela pode contemplar também competências para “retrucar” as autoridades, como a capacidade de avaliar criticamente os “bens” e os “males” que estão à disposição para o consumo. Isso nos remete ao entendimento de matemacia com responsabilidade, considerada crucial com respeito às práticas de consumo (Skovsmose, 2014, p.111).

Ao aplicar atividades críticas voltadas ao empreendedorismo no ambiente escolar, como a análise de casos reais e debates, os alunos são incentivados a refletir sobre os impactos das decisões empreendedoras, os desafios estruturais enfrentados por pequenos negócios e as contradições entre a lógica de mercado e o bem-estar social. Essas atividades ajudam os estudantes a desenvolver habilidades de pensamento crítico, preparando-os para agir de forma ética e reflexiva em um mundo marcado por desafios econômicos e sociais, como destaca Freire (2013), que argumenta que a educação deve capacitar os indivíduos a lerem e escreverem o mundo de forma crítica, compreendendo suas estruturas e dinâmicas.

Dessa forma, ao integrar a teoria à prática por meio de atividades críticas, o ensino escolar atende às demandas contemporâneas, formando cidadãos mais conscientes e engajados. No caso específico da Educação Financeira e Matemática Financeira, essas práticas ajudam a construir uma compreensão mais ampla, ética e contextualizada, que contribui para a formação de sujeitos preparados para enfrentar os desafios da vida financeira e para participar de maneira crítica e ativa na sociedade.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi conduzida com base em uma abordagem qualitativa, cuja característica principal é a busca pelo entendimento profundo dos fenômenos sociais e das percepções subjetivas dos indivíduos. Esse método é apropriado para investigar questões relacionadas às práticas educacionais e às visões dos alunos sobre temas críticos, como a Educação Financeira e o empreendedorismo. Em vez de utilizar números como dados, ela emprega palavras, frases e textos como fontes de coleta.

Evidentemente, se a pesquisa tem a finalidade prioritária de, por exemplo, estabelecer dados numéricos, estatísticos, sobre determinado fenômeno social, o tipo de pesquisa mais apropriado é aquela de abordagem quantitativa. No entanto, se há a intenção de realização de um estudo com ênfase no conhecimento de determinados aspectos de natureza subjetiva, que não podem ser traduzidos em números, o tipo de abordagem será qualitativo (Brito, Oliveira e Silva, 2021, p.2).

A pesquisa foi desenvolvida com o foco em compreender as percepções dos alunos do Ensino Médio sobre a EF e o empreendedorismo, explorando como a abordagem crítica desses temas pode contribuir para reflexões mais amplas no contexto escolar. A atividade prática foi planejada para permitir que os estudantes analisassem textos com perspectivas divergentes sobre o empreendedorismo, relacionando-as às suas próprias vivências e conhecimentos prévios. O método qualitativo foi adotado devido à sua capacidade de captar nuances nas respostas dos alunos, considerando tanto os aspectos explícitos quanto os implícitos de suas reflexões.

O estudo foi realizado em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública no município de Aroeiras-PB. Foram selecionados 11 alunos, com idades entre 15 e 17 anos, que participaram de uma atividade em sala de aula voltada para o debate crítico sobre o empreendedorismo. Essa escolha se deu pela relevância do estágio de desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, que estão em um momento de formação de opiniões e construção de uma visão crítica sobre o mundo.

A atividade desenvolvida, intitulada “Uma Abordagem Crítica sobre o Empreendedorismo na Escola” que está adicionada no anexo A deste trabalho, foi elaborada pelos professores Me. Delmira Meireles de Andrade Romão e Dr. Ivan Bezerra de Sousa. Essa proposta incentiva uma reflexão aprofundada sobre o papel do empreendedorismo no ambiente educacional, abordando tanto suas potencialidades quanto suas limitações. A atividade integra o Produto Educacional do segundo autor, apresentado no Caderno de Atividades da tese Educação Financeira Crítica: um olhar em desfavor ao neoliberalismo e

políticas mercadológicas. Esse estudo foi desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba, e a atividade escolhida do Caderno de Atividades, entre as treze atividades presentes, destaca-se por seu enfoque crítico sobre o empreendedorismo na Educação Financeira Escolar contemporânea.

O objetivo central da atividade é estimular os alunos e professores a analisar o conceito de empreendedorismo sob diferentes ângulos, possibilitando uma discussão que vá além da simples adoção da prática empreendedora. Ela visa a desenvolver uma compreensão crítica e contextualizada sobre como o empreendedorismo se relaciona com questões sociais, políticas e econômicas, e a como essas questões impactam a educação e o desenvolvimento dos estudantes.

A atividade foi aplicada no dia 29 de novembro de 2023 a um total de 11 alunos, que foram identificados ao longo da seção 4 como Estudante 1 (E1), Estudante 2 (E2), Estudante 3 (E3), ..., Estudante 11 (E11). Ressalta-se que não possui vínculo direto com a turma, uma vez que não sou o professor titular da mesma.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados neste estudo foram a atividade prática realizada com os alunos, as discussões geradas a partir dessa atividade e a observação das reações dos estudantes às questões propostas. A atividade consistiu na leitura de dois textos sobre o empreendedorismo, um apresentando uma perspectiva positiva e outro adotando uma visão crítica. Após a leitura, os alunos foram solicitados a refletir sobre os temas discutidos e a responder a perguntas que incentivam uma análise crítica sobre o impacto social, econômico e educacional do empreendedorismo, além de questões relacionadas ao consumo responsável e ao planejamento financeiro.

Além das respostas escritas, outro importante instrumento de coleta foi a observação das discussões que surgiram em sala de aula. Durante a atividade, foi possível acompanhar como os alunos interagem entre si, debatendo as diferentes abordagens do empreendedorismo e compartilhando suas opiniões. Essas discussões forneceram *insights* valiosos sobre o entendimento dos estudantes e suas percepções em relação aos temas tratados. Por fim, as reações dos alunos às questões propostas foram observadas com atenção, registrando suas dificuldades, pontos de vista e o nível de engajamento nas reflexões. Esses três instrumentos permitiram uma análise mais rica e detalhada das respostas dos estudantes, contribuindo para uma compreensão aprofundada das implicações pedagógicas e do impacto da EF e do empreendedorismo no contexto escolar.

A análise dos dados buscou conectar as respostas dos alunos com os referenciais teóricos da Educação Financeira Crítica e da Educação Matemática, evidenciando como os conceitos trabalhados contribuíram para a ampliação do entendimento e da reflexão crítica dos estudantes sobre o tema. Além disso, o estudo observou a interação entre os participantes e os materiais fornecidos, analisando as implicações pedagógicas dessa abordagem interdisciplinar.

A escolha da abordagem qualitativa foi essencial para captar nuances das percepções dos alunos que não poderiam ser expressas quantitativamente. Ao priorizar as falas, reações e reflexões dos participantes, o estudo contribuiu para uma análise detalhada e contextualizada sobre o papel da Educação Financeira Crítica no ambiente escolar.

A proposta convida os participantes a questionarem as vantagens e desvantagens da educação empreendedora, avaliando suas influências no comportamento dos alunos e na sociedade como um todo. Ao final, a atividade promove uma análise crítica do impacto do empreendedorismo nas dinâmicas sociais e educacionais, incentivando o desenvolvimento de uma visão ampla e questionadora dos valores transmitidos na escola.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nessa seção, discutem-se os principais padrões encontrados nas respostas, destacando as reflexões críticas dos alunos sobre as implicações sociais, econômicas e educacionais do empreendedorismo, além de explorar como as abordagens mercadológicas e críticas influenciaram suas interpretações. A análise também articula as respostas dos estudantes com os referenciais teóricos discutidos ao longo do trabalho, visando identificar contribuições significativas para a implementação da EF no contexto escolar.

A aplicação da atividade ocorreu ao longo de três aulas e seguiu uma abordagem reflexiva e gradual, considerando as características e os desafios enfrentados pelos alunos. Inicialmente, apresentei a atividade explicando seus objetivos e o tema a ser abordado. Nesse momento, os alunos manifestaram resistência, reclamando do teor da atividade e da complexidade dos textos, destacando que nunca haviam trabalhado dessa forma antes. Alguns já tinham trabalhado temas relacionados, o que facilitou a compreensão, enquanto outros tiveram mais dificuldade em articular respostas críticas devido à falta de costume com esse tipo de proposta interdisciplinar.

Após essa introdução, solicitei que lessem os textos propostos que estão presente no anexo A deste trabalho, o que foi realizado com certo nível de dificuldade, especialmente por conta de termos como "mercadológica" e "meritocracia", que geraram dúvidas. Dediquei tempo para esclarecer essas questões, respondendo às perguntas e contextualizando os conceitos de forma mais acessível para facilitar a compreensão.

Com as dúvidas esclarecidas, procedi à aplicação da atividade. Os alunos foram incentivados a refletir sobre o conteúdo lido e a trabalhar nas tarefas propostas, que exigiam uma análise crítica das práticas tradicionais de empreendedorismo e sua relação com o contexto educacional.

Ao final das aulas, coletei as atividades para análise, e o momento de discussão revelou a importância de trazer perspectivas novas e críticas para a sala de aula. Essa escolha foi motivada tanto pelo desejo de introduzir um tema com o qual a maioria dos alunos não tinha contato quanto por uma intenção pedagógica de questionar o tradicionalismo vigente, demonstrando que uma abordagem crítica pode transformar a visão sobre empreendedorismo e EF.

Essa experiência proporcionou uma oportunidade rica para analisar as percepções dos alunos sobre o empreendedorismo, especialmente no que tange à sua abordagem no contexto educacional. Baseada nos textos de Lobo e Almeida (2021), que destacam a Educação

Empreendedora como uma abordagem para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para a vida contemporânea, e nas críticas de Cunha (2020) ao caráter individualista e meritocrático do empreendedorismo, a atividade fomentou reflexões diversas e críticas construtivas.

Optou-se por não apresentar todas as respostas individuais nesta seção devido à semelhança significativa entre muitas delas. Em diversos casos, os alunos produziram ideias comuns que reforçaram percepções gerais sobre o tema, sem grandes variações nos argumentos apresentados. Assim, foram selecionadas apenas as respostas que melhor representaram os padrões observados, garantindo que as análises refletissem tanto as tendências gerais quanto os destaques individuais de forma concisa e objetiva. Essa abordagem evitou redundâncias e favoreceu uma leitura mais fluida dos resultados.

Ao longo das respostas, cada aluno trouxe à tona reflexões únicas sobre o tema, como algumas características pessoais do empreendedor, os desafios enfrentados pelos pequenos negócios em localidades menores e as possíveis limitações de se aplicar um modelo de empreendedorismo universal nas escolas.

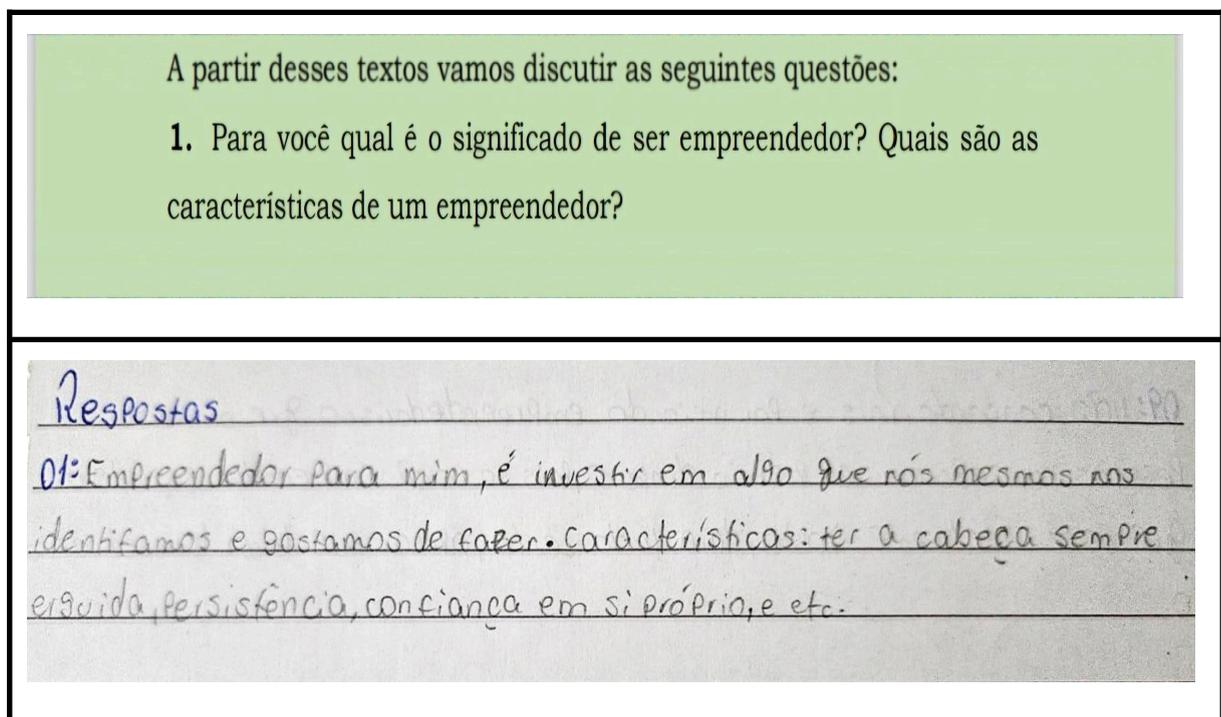


Figura 1. Registro escrito do aluno E1
Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na primeira questão, o aluno E1 vê o empreendedorismo como uma forma de investir em algo pessoal, um reflexo de autossuficiência e realização. E1 enxerga o perfil

empreendedor como resiliente e otimista, valorizando o “caminhar de cabeça erguida” diante dos desafios, conforme sua resposta na Figura 1.

É possível observar que a resposta de E1 não leva em conta as críticas levantadas no texto da atividade, que alertam sobre as limitações dessa visão quando aplicada de forma universal, ignorando aspectos sociais e econômicos mais amplos. Conforme apontado por Cunha (2020), a lógica do empreendedorismo frequentemente desloca questões estruturais e coletivas para o âmbito individual, promovendo uma falsa ideia de que sucesso ou fracasso depende unicamente da capacidade pessoal.

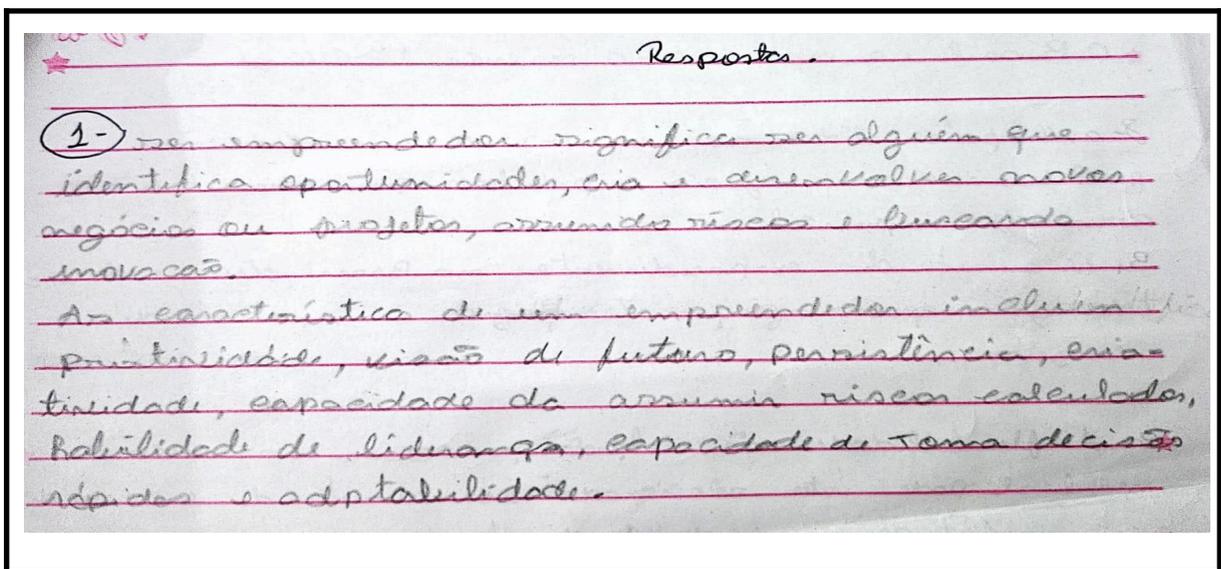


Figura 2. Registro escrito do aluno E7

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Diferentemente do aluno E1, o aluno E7 não ignora os possíveis riscos que o empreendedorismo pode acarretar, ao falar sobre os desafios que pequenos empreendedores podem enfrentar, como a escassez de recursos e a adaptação ao mercado, como mostra a Figura 2.

Essa diferença sugere que E7 conseguiu estabelecer uma conexão mais direta entre as reflexões propostas pela atividade e as limitações reais do empreendedorismo, enquanto E1 manteve uma perspectiva mais idealizada e desvinculada das críticas apresentadas nos textos discutidos. O que demonstra o impacto da atividade em fomentar reflexões críticas sobre as condições e limitações do empreendedorismo no contexto socioeconômico real.

2. Observe a charge abaixo:

Figura 3 - Crítica ao empreendedorismo



Fonte: Jornal DCM, 2020.

O que essa charge critica?

02: critica o alto esforço dos empreendedores a demanda carregada entre outros fatores como cansaço e exaustão.

2- A charge pode estar fazendo uma crítica aos empreendedores, abordando possíveis problemas ou desafios enfrentados por eles, como pressão, competição acirrada ou as dificuldades de se manterem no mercado.

2) critica o alto esforço empreendedores, a demanda entre os fatores como cansaço, exaustão etc.

Figura 3. Registro de respostas dos alunos E1, E2 e E7.

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na segunda questão, a percepção de que o empreendedorismo pode ser cansativo e extenuante é mencionada por todos. Os alunos E1 e E2 veem na charge uma crítica às condições de trabalho dos entregadores e aos desafios da jornada empreendedora. Contudo, o aluno E7 vai além dessa crítica ao entender que o esforço excessivo é uma realidade tanto para empreendedores quanto para trabalhadores vinculados à economia de aplicativos, conforme mostra respectivamente a Figura 3.

Nota-se que esses pontos refletem um reconhecimento coletivo de que o empreendedorismo, em muitos casos, não proporciona a tão idealizada “liberdade” de ser o próprio chefe; em vez disso, pode até agravar o desgaste mental e físico.

Esse olhar permite que os alunos conectem a realidade prática dos trabalhadores e empreendedores com o discurso crítico dos textos, que alertam para os riscos da “individualização da responsabilidade” onde o empreendedor, sozinho, se sente responsável pelo sucesso ou fracasso.

Dardot e Laval (2016) reforçam essa crítica ao argumentar que o empreendedorismo molda sujeitos como "empresas de si mesmos", submetendo-os a uma jornada solitária e precária, na qual o desgaste mental e físico é uma consequência inevitável da flexibilização e precarização do trabalho.

Esses autores evidenciam que o discurso empreendedor frequentemente mascara as contradições do capitalismo, transformando o indivíduo no único responsável por enfrentar desafios que, na realidade, são coletivos e estruturais.

3. Observe o trecho da notícia abaixo:

Figura 4 - Manchete sobre o aumento do lucro da Amazon na pandemia



Fonte: Site O especialista, 2021.

Fazendo uma comparação com os pequenos empreendedores de sua localidade, o que você consegue observar? A situação deles foi a mesma que a da Amazon?

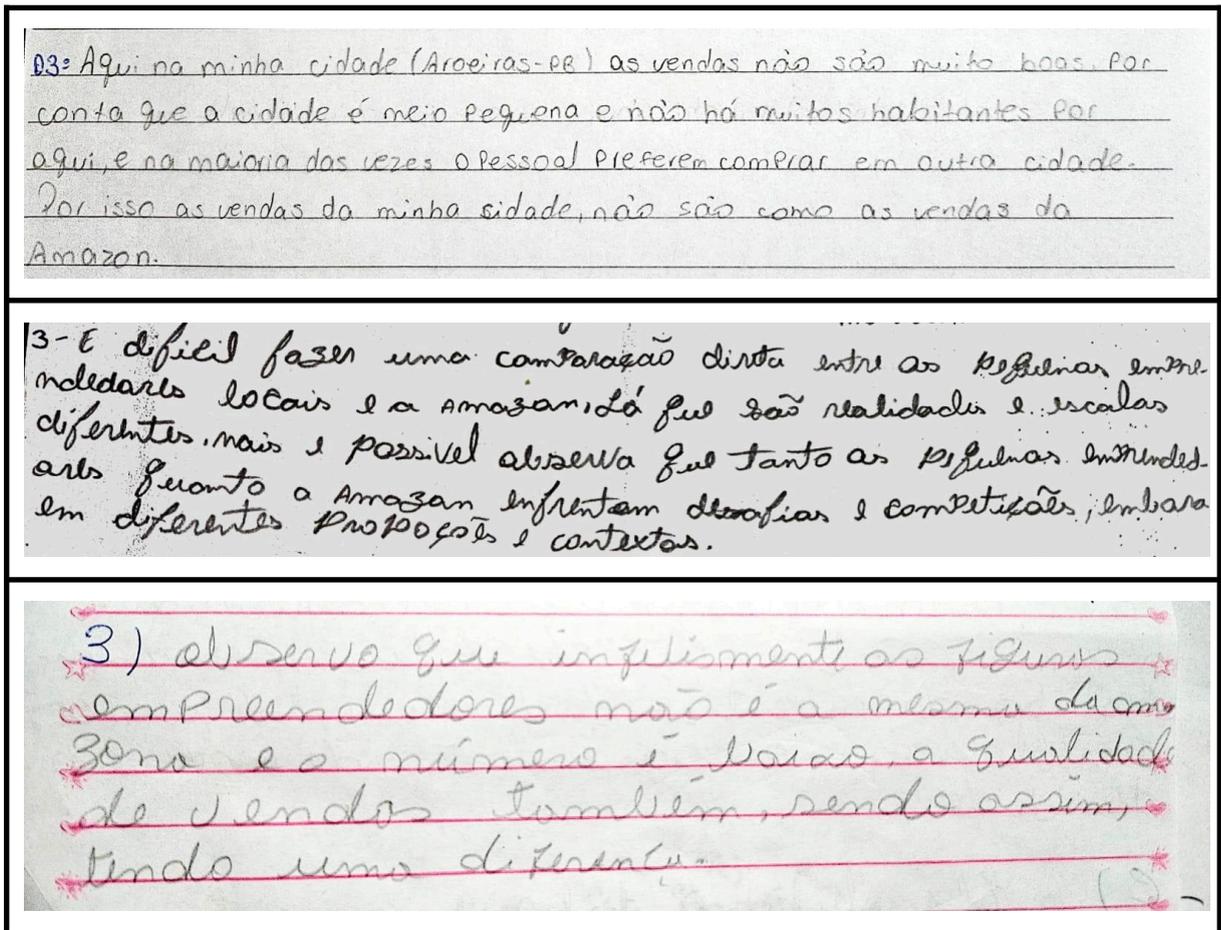


Figura 4. Registro de respostas dos alunos E1, E2 e E7

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na terceira questão, sobre a comparação entre a Amazon e os pequenos empreendimentos nas cidades dos alunos trouxe à tona desafios concretos. E1 e E9 destacaram as dificuldades em sua cidade, Aroeiras-PB, mencionando que a falta de demanda e uma pequena população impacta negativamente os negócios locais. E9 responde que “não, pois alguns comércios locais faliram.” E2 e E7 igualmente reconhecem que, apesar de estarem distantes das grandes corporações, os empreendedores locais enfrentam desafios semelhantes de competitividade, mas em escala proporcionalmente menor e com menos recursos, exposto na Figura 4.

As falas acima expõem uma conscientização dos alunos sobre as limitações dos pequenos negócios, ilustrando que, para eles, o empreendedorismo não pode ser visto apenas pelo viés idealista. Nesse sentido, eles parecem concordar com a crítica feita no material da atividade: enquanto as grandes empresas desfrutam de um mercado globalizado e da digitalização, os pequenos empreendimentos enfrentam barreiras estruturais que o ensino de empreendedorismo dificilmente consegue resolver. Essa visão ressoa com as críticas de Cunha (2020), que argumenta que a lógica empreendedora, ao exaltar a meritocracia, transfere

para o indivíduo a responsabilidade pelas desigualdades estruturais, apagando os conflitos entre capital e trabalho e reforçando disparidades sociais. Antunes (2019), complementa essa reflexão ao destacar como a concentração de riqueza nas mãos de poucos se sustenta pela exploração e precarização de muitos, expondo as contradições do sistema capitalista que privilegia grandes corporações em detrimento de pequenos empreendedores e trabalhadores.

4. De acordo com os textos que foram trazidos no início dessa atividade, que discussões podemos fazer a partir de cada um deles? Eles convergem ou divergem nas ideias apresentadas?

4º No primeiro texto o empreendedorismo é visto como uma boa ideia para educação, mas no segundo ele parece ser um problema pois fala de desigualdade, então as ideias divergem.

4º concordo em parte, vejo que falar muito no empreendedorismo fica apenas na meritocracia porque cada um aqui tem limitações que não é possível ter igualdade.

4. O primeiro texto sugere que o empreendedorismo desenvolve competências importantes, e o segundo aponta que isso pode ter um lado negativo, como a ideia de que o sucesso só depende da pessoa. Acho que eles divergem.

Figura 5. Registro das respostas dos alunos E11, E3 e E10

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na quarta questão, pede para que os alunos discutam e façam comparações entre os textos, considerando convergências e divergências. Grande parte dos alunos reconhece que o primeiro texto apresenta o empreendedorismo como uma prática positiva. Entretanto, quando os alunos passam a comentar o segundo texto percebemos que muitos captaram a crítica dele ao empreendedorismo como uma prática que pode levar ao individualismo e a meritocracia, onde a responsabilidade recai inteiramente sobre o indivíduo, alguns alunos manifestaram

preocupação com a ideia de que essa abordagem possa reforçar desigualdades ao atribuir sucesso e fracasso somente ao mérito pessoal, ignorando fatores socioeconômicos mais amplos. Os alunos E11, E3 e E10 responderam respectivamente na Figura 5.

As respostas mostram que os alunos têm percepções variadas sobre a questão do empreendedorismo na educação, mas muitos concordam com a importância de um ensino equilibrado. Eles parecem apoiar a ideia de desenvolver habilidades empreendedoras, mas sem perder de vista o contexto social e as necessidades de igualdade e justiça. Esse posicionamento demonstra uma análise crítica e um entendimento aprofundado sobre as potencialidades e limitações da educação empreendedora na formação dos jovens. Cunha (2020) reforça essa crítica ao destacar que, embora o empreendedorismo possa ser uma ferramenta útil, ele frequentemente é promovido como uma solução que desconsidera as desigualdades estruturais e as condições reais de acesso ao sucesso.

5. As charges abaixo fazem parte da Série *Os empreendedores*, do ilustrador e sociólogo Toni D'Agostino, que estão presentes no perfil do seu *Instagram*.

Figura 5 - Críticas ao empreendedorismo



Fonte: Instagram de Toni D'Agostino, 2023.

Pode-se perceber ao longo das charges que os protagonistas se referem aos entregadores de aplicativos de *delivery*, que foi um ramo de amplo crescimento durante a pandemia da *Covid-19*. Que mensagem essas charges satirizam?

5- A charge mostra a má situação do trabalho dos entregadores de aplicativos de delivery, que foi um ramo de amplo crescimento durante a pandemia da Covid-19. A mensagem satirizada é a desigualdade social que eles enfrentam.

5- A charge pode transmitir uma mensagem sobre as condições de trabalho dos entregadores ou as mudanças no mercado provocadas pela pandemia.

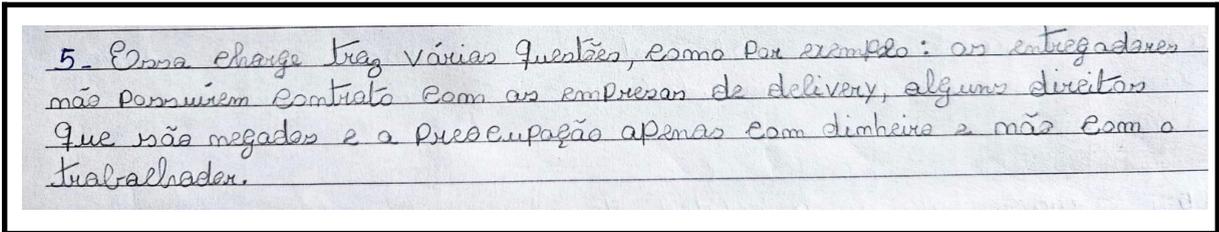


Figura 6. Registro de respostas dos alunos E6, E2 e E10

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na quinta questão, que abordou a interpretação da charge, os alunos perceberam uma crítica às condições de trabalho enfrentadas pelos entregadores e trabalhadores de aplicativos, especialmente durante a pandemia. Diante dessa percepção os alunos E6, E2 e E10 responderam na Figura 6.

Os alunos demonstraram uma leitura sensível e crítica ao interpretarem a charge da quinta questão como uma denúncia às condições precárias enfrentadas por entregadores e trabalhadores de aplicativos, especialmente durante a pandemia. Cunha (2020) reforça que o discurso do empreendedorismo individual transfere a responsabilidade de problemas estruturais para o trabalhador, ignorando desigualdades sociais e econômicas e fortalecendo uma lógica neoliberal. Ele descreve como essa ideologia legitima condições de exploração, apresentando-as como oportunidades de autonomia.

6. No texto 2, de Cunha (2020), é citado que *“para os adeptos da solução através do “empreendedorismo”, não importa que se trate de um trabalhador assalariado ou de um capitalista, todos têm que ser educados para exercer a função empreendedora. Para isso, basta ter “força de vontade”, “determinação”, “flexibilidade”, “resiliência”, “proatividade”, “persistência”, “iniciativa”, etc., pois é o sujeito em sua*

66

singularidade o único responsável pelo seu sucesso ou o seu fracasso econômico”.

Analisando novamente as charges presentes na questão 5 e fazendo um paralelo com esse texto, que convergências e divergências você consegue encontrar?

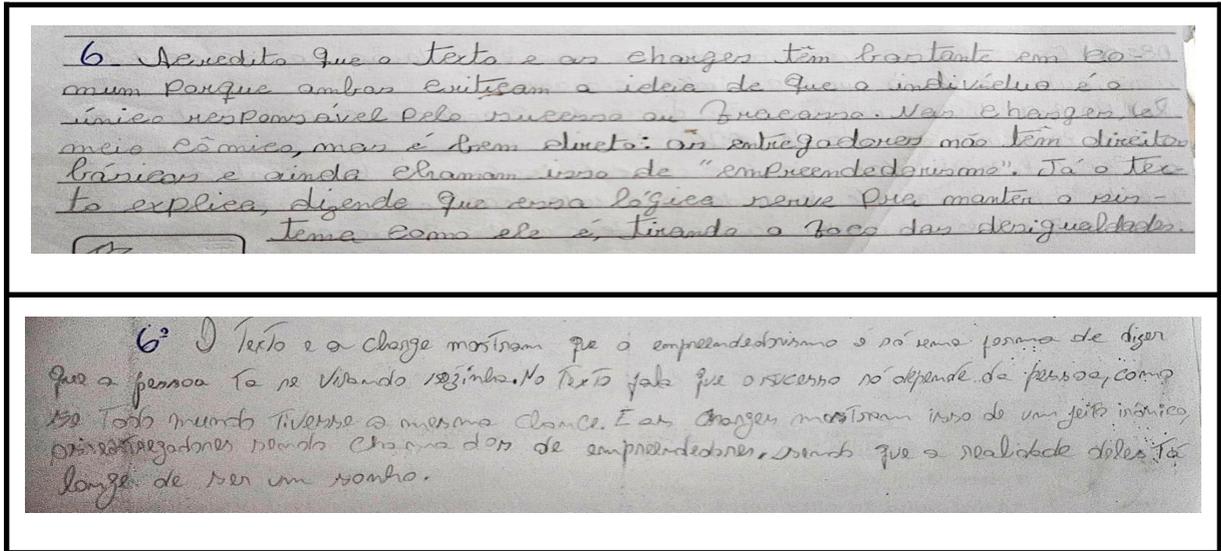


Figura 7: Registro de respostas dos alunos E10 e E11

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na sexta questão, pede para analisar novamente as charges da quinta questão e fazer um paralelo com o texto 2, a questão busca estimular uma análise crítica dos impactos dessa lógica tanto no âmbito econômico quanto no social. A figura acima mostra como E10 e E11 responderam a questão.

Os alunos identificaram, com exemplos práticos e reflexões, que essa lógica ignora contextos estruturais e privilegia um discurso que romantiza a sobrevivência em condições desfavoráveis. Entre as respostas, foi recorrente a menção à falta de infraestrutura e ao baixo poder aquisitivo da população local como barreiras ao crescimento dos negócios.

Essa percepção evidencia um entendimento prático da realidade econômica de sua comunidade, revelando a capacidade dos alunos de associar os conceitos teóricos a situações cotidianas.

Também indicaram uma visão crítica sobre a relação entre consumo e sustentabilidade, associando o comportamento de consumidores que privilegiam grandes empresas à precarização de pequenos negócios locais. Esses comentários refletem a influência das discussões trazidas pelos textos, especialmente na abordagem crítica ao empreendedorismo, que problematizou a meritocracia e o individualismo.

Um ponto interessante identificado em várias respostas foi o reconhecimento da disparidade de recursos entre grandes empresas e pequenos empreendedores. Enquanto as grandes corporações dispõem de tecnologias avançadas e estratégias de *marketing* globais, os pequenos negócios locais operam com limitações financeiras e estruturais. Além disso, eles demonstraram capacidade de relacionar diferentes linguagens (texto acadêmico e charges) para reforçar o ponto.

7. Observe a manchete e a imagem a seguir.

Figura 6 - Notícia sobre o aumento de empreendedores no Brasil



Fonte: Portal G1, 2023.

Figura 7 - Distribuição do número de empreendedores no Brasil



Fonte: Agência SEBRAE, 2023.

Leia as notícias na íntegra, presente nos *QR Codes* que estão presentes nas imagens acima ou no *link* presente em cada imagem e depois faça um resumo apontando o porquê do número de empreendedores terem aumentado tanto no Brasil nos últimos anos.

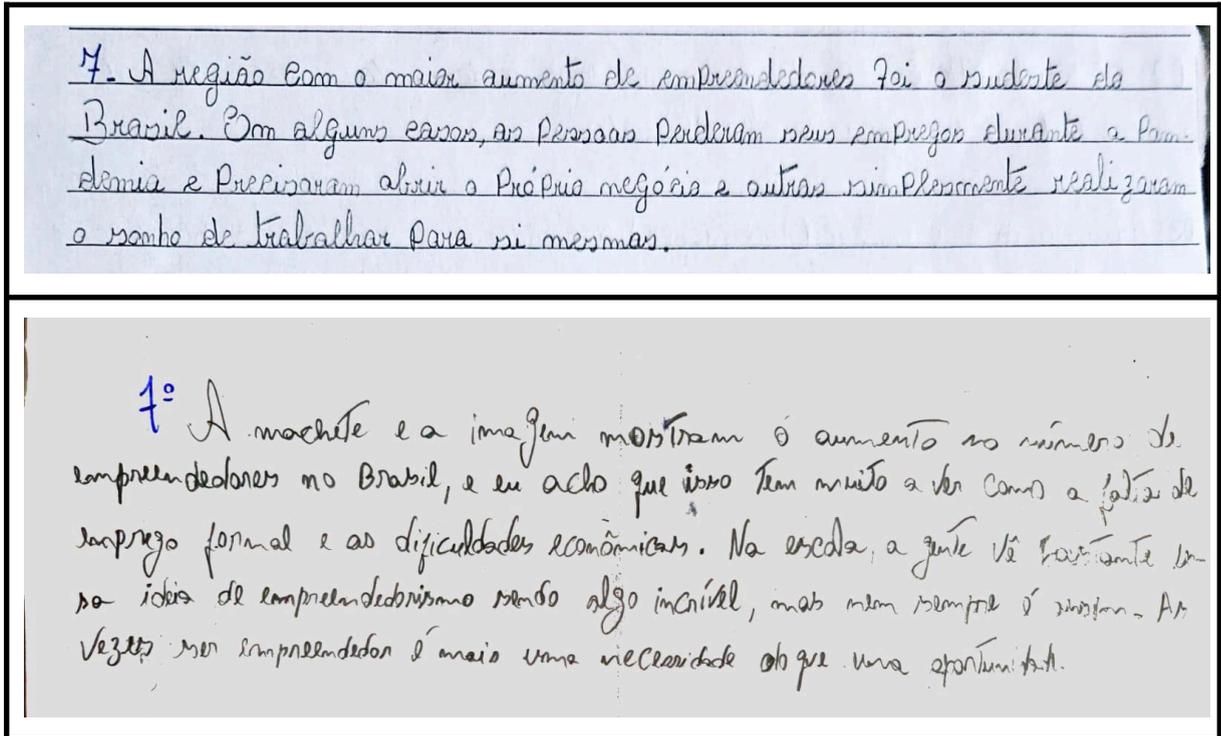


Figura 8. Registro de resposta dos alunos E10 e E11

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na sétima questão foi discutido o porquê do número de empreendedores terem aumentado no Brasil nos últimos anos. A maioria dos alunos tiveram dificuldade para apontar uma causa desse aumento. Entretanto, o aluno E10 comenta que uma dessas causas foi pela alta taxa de desemprego durante a pandemia que influenciou a população criar o seu próprio negócio.

O aluno E11 demonstra uma compreensão crítica do conceito de empreendedorismo e de como ele se reflete na sociedade atual, o que é positivo. O aluno destaca um ponto importante ao observar que, para muitas pessoas, o empreendedorismo não é necessariamente uma escolha, mas uma necessidade diante das dificuldades econômicas e da falta de opções de trabalho formal.

Essa percepção mostra que o estudante consegue fazer uma conexão entre o que é discutido nas aulas e as realidades externas, o que é fundamental para o desenvolvimento de um pensamento crítico, conforme mostrado na Figura 8.

A escolha das respostas dos alunos E10 e E11 se deu porque, embora as respostas de outros alunos tenham sido semelhantes, às deles se destacaram por estarem mais contextualizadas em relação à atividade proposta. Ambas conseguiram integrar de forma mais eficaz os conceitos discutidos no tema, proporcionando uma análise mais aprofundada e relevante sobre o empreendedorismo na escola. Essas respostas foram selecionadas por

agregarem maior clareza e reflexão crítica, alinhando-se melhor às questões levantadas ao longo da atividade.

8. Observe o infográfico a seguir:

Figura 8 - Infográfico sobre o crescimento do número de negócios com mais de 3,5 anos no Brasil



Fonte: Jornal digital Poder 360, 2022.

A partir de sua observação, responda:

- O que podemos dizer a respeito dos países que lideram o *ranking* de empreendimentos no mundo?
- Por que o número de empreendimentos vem crescendo no Brasil?
- No texto 2, Cunha (2020) afirma que “a flexibilização das relações de trabalho e a falsa sensação de liberdade precisam ser analisadas

levando em conta sua articulação direta com os direcionamentos propostos por entidades internacionais, como o Banco Mundial, BID, FMI, uma vez que o ataque aos direitos trabalhistas e a retirada da proteção social aos trabalhadores (como seguro desemprego, seguro acidente, auxílio doença e a aposentadoria) é uma característica desse discurso neoliberal que dissemina a lógica empreendedora como solução”. Que relações você consegue fazer entre essa citação e os dados presentes no infográfico?

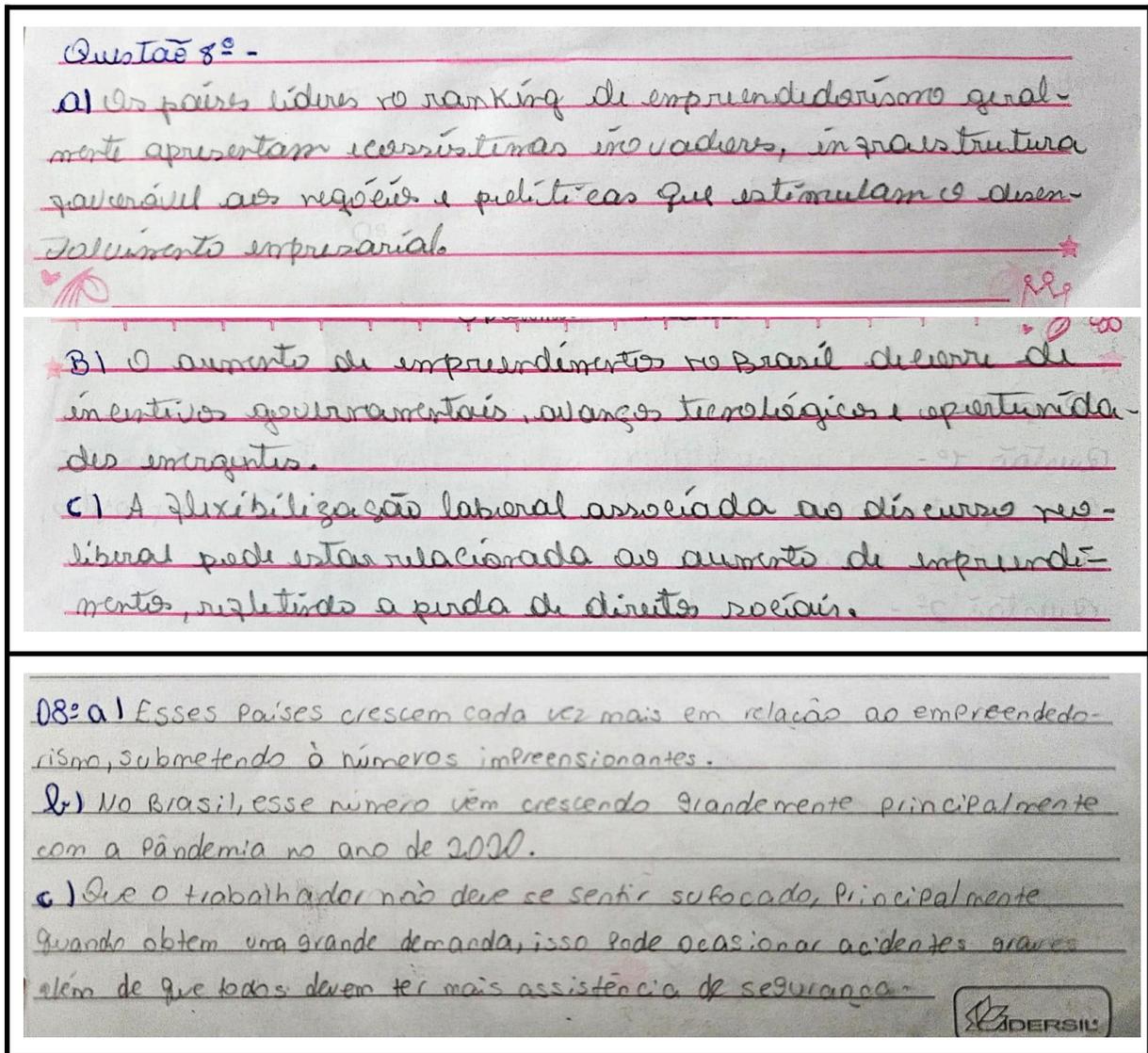


Figura 9. Registro das respostas dos alunos E8 e E1

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na oitava questão, solicita que os alunos observem um infográfico sobre empreendedorismo mundial e respondam três subperguntas que fala a respeito dos países que lideram o *ranking* de empreendimentos no mundo, crescimento do número de empreendimentos no Brasil e sobre a relação entre a flexibilização das relações de trabalho e a falsa sensação de liberdade, considerando direcionamentos propostos por entidades internacionais como o Banco Mundial e o FMI.

Os alunos identificaram que os países que lideram no *ranking* global de empreendedorismo são aqueles que oferecem políticas e ambientes favoráveis ao desenvolvimento de novos negócios, destacaram o aumento significativo de empreendimentos no Brasil, especialmente impulsionado pela crise econômica e pelo desemprego gerados pela

pandemia e refletiram sobre a precarização das relações de trabalho sob a ótica do empreendedorismo. Como mostrado na Figura 9.

Percebe-se a preocupação dos alunos quanto a necessidade de políticas públicas mais estruturadas e um ambiente que realmente promova a sustentabilidade dos negócios e a proteção dos trabalhadores.

9. Observe os textos a seguir:

Texto 1:

Figura 9 - Charge sobre a farsa do empreendedorismo



Fonte: Site Disparada, 2019.

Texto 2:

“A tal solução empreendedora é, portanto, aquela que ensina, desde cedo, o sujeito a se virar sozinho, não depender de ninguém, se alienar politicamente e construir sua própria história de fracasso ou de sucesso. O empreendedor é o modelo a ser seguido. O homem de

negócios seria o exemplo de sujeito high-tech, ou seja, antenado às novas tendências mundiais. Ignora-se completamente a brutal desigualdade social em que estamos inseridos. Ao reafirmar equívocos como a ideia de meritocracia, a face real do empreendedorismo é muito mais problema do que solução para os tempos futuros”.

Fonte: Site A terra é redonda, 2020.

Os dois textos abordam uma crítica ao empreendedorismo. Você concorda ou discorda dessa crítica? Aponte os seus argumentos.

Figura 10 - Dica de leitura da obra *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida*



Fonte: Site da Amazon, 2023.

70

09: Não concordo. Pois é por meio do empreendedorismo que muitas pessoas conseguem seu próprio dinheiro, pois se você empreender em algo que você realmente gosta, dará tudo certo, apesar que tudo tem obstáculos.

9 - O empreendedor busca trabalhar para si próprio, mas muitas vezes a realidade é diferente do planejado. Pois, acontecem imprevistos e muitos desafios, principalmente para pequenos negócios.

Figura 10. Registro das respostas dos alunos E1 e E10

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Na nona e última questão, foi pedido aos alunos que refletissem sobre os textos que criticam o empreendedorismo, especialmente no que tange à sua visão individualista e meritocrática. Os alunos tiveram diferentes interpretações e críticas, refletindo suas percepções sobre os impactos sociais, educacionais e econômicos do empreendedorismo no ambiente escolar e na vida pessoal de cada um. Eles percebem que, embora o empreendedorismo seja uma via importante para a autonomia econômica, ele não deve ser promovido sem considerar o contexto social e as desigualdades estruturais que afetam o acesso ao sucesso. Assim, como mostra a figura acima.

Esse entendimento revela que, para os alunos, o empreendedorismo precisa ser abordado com cautela, integrando políticas que considerem a realidade dos indivíduos, ao invés de enfatizar unicamente o esforço pessoal como chave para o sucesso.

Logo, ao analisar as respostas dos alunos sobre o empreendedorismo na educação evidenciou-se uma compreensão rica e diversificada. Cada participante trouxe uma perspectiva própria, revelando desde a valorização das habilidades empreendedoras como caminho para autonomia e independência financeira até uma visão crítica sobre a pressão individualista que esse modelo pode impor. Além disso, surgiram reflexões sobre a desigualdade estrutural que afeta pequenos empreendedores e questionamentos sobre o papel da escola na promoção do empreendedorismo. Esses resultados demonstram que os alunos, apesar de reconhecerem o valor das habilidades empreendedoras, têm uma visão madura e cautelosa sobre a universalização desse modelo, especialmente considerando as limitações sociais e econômicas que enfrentam.

Diante os resultados apresentados após a atividade, podemos concluir, que os alunos possuem uma compreensão equilibrada e crítica do empreendedorismo, valorizando-o como uma ferramenta útil, mas também reconhecendo suas limitações e desafios. Eles percebem que, embora o empreendedorismo possa representar uma oportunidade de crescimento pessoal, nem todos têm acesso aos mesmos recursos ou condições para prosperar nesse modelo. A visão dos alunos sugere que o ensino de empreendedorismo nas escolas deve ser adaptado às realidades dos estudantes, oferecendo suporte e uma abordagem que valorize tanto o desenvolvimento pessoal quanto a cooperação e a responsabilidade social. Dessa forma, o empreendedorismo pode ser um complemento ao aprendizado, sem se tornar uma imposição para todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar como os alunos do Ensino Médio produzem significados sobre o empreendedorismo a partir de uma abordagem crítica da EF. Por meio de uma pesquisa qualitativa, os estudantes foram desafiados a refletir sobre conceitos fundamentais, como o individualismo, a meritocracia e as dinâmicas estruturais que moldam o empreendedorismo no contexto socioeconômico contemporâneo. A atividade prática proposta, embasada em textos com diferentes perspectivas sobre o tema, incentivou discussões que confrontaram o discurso tradicional de sucesso pessoal com uma visão mais ampla, que considera os desafios e as desigualdades estruturais do mercado.

Os resultados revelaram que, mesmo diante de dificuldades iniciais, os alunos participaram ativamente, demonstrando um avanço significativo na análise crítica do tema. A comparação entre o comércio local e grandes corporações como a Amazon evidenciou a percepção dos estudantes sobre os desafios enfrentados por pequenos empreendedores, especialmente em comunidades menores, reforçando a importância de questionar as desigualdades de recursos e oportunidades. Além disso, o debate sobre a lógica meritocrática destacou a necessidade de reconhecer fatores estruturais que influenciam o sucesso ou fracasso de empreendimentos, afastando a responsabilidade exclusiva do indivíduo.

Outro ponto central foi a análise dos textos apresentados na atividade, que possibilitou aos alunos identificar convergências e divergências entre visões otimistas e críticas do empreendedorismo. Essas reflexões permitiram que os estudantes desenvolvessem um olhar mais sensível e contextualizado, conectando as discussões teóricas às realidades de suas próprias comunidades e compreendendo o impacto social, econômico e educacional do empreendedorismo.

O produto educacional que originou esta atividade, resultando em um caderno de atividades de EF sob uma perspectiva crítica, oferece aos professores ferramentas práticas e reflexivas para abordar a EF no ensino básico. O material inclui sugestões metodológicas para a sala de aula, reflexões sobre o impacto do neoliberalismo e orientações para fomentar debates que estimulem o pensamento crítico dos alunos. Ele busca promover a conscientização sobre as implicações éticas e sociais das práticas financeiras e empreendedoras, fortalecendo uma abordagem mais crítica e contextualizada do tema.

Nesse contexto, é importante destacar a relevância dos produtos educacionais desenvolvidos em pesquisas de mestrado e doutorado. Esses materiais têm um papel especial na sala de aula, pois são frutos de investigações científicas aprofundadas, voltadas a resolver

problemas práticos ou aprimorar aspectos específicos da educação. Quando aplicados, esses produtos não apenas enriquecem a prática pedagógica, mas também criam uma conexão entre a academia e a escola, ampliando o impacto social e científico das pesquisas.

Em síntese, este trabalho reafirma a importância de uma Educação Financeira Crítica que transcenda o discurso tradicional de mercado, promovendo uma formação cidadã que capacite os alunos a refletirem sobre as desigualdades estruturais e as contradições do empreendedorismo. A abordagem crítica adotada mostrou-se um caminho poderoso para integrar a EF ao currículo escolar de maneira significativa, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, capazes de questionar e transformar suas realidades em busca de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Dessa forma, ao concluirmos este trabalho, encerramos este percurso na Licenciatura em Matemática com grande satisfação pelo aprendizado adquirido. Durante nossa formação, tivemos a oportunidade de ampliar nossos horizontes, compreendendo a importância de refletir criticamente sobre nossa prática pedagógica e buscando formas de transformar o ensino em sala de aula. Essa trajetória nos motivou a adotar uma postura mais consciente e inovadora, alinhada às demandas contemporâneas, reafirmando nosso compromisso como futuros professores de Matemática em contribuir para uma educação mais significativa e transformadora.

Com os resultados obtidos ao longo deste trabalho, pretendemos expandir esse estudo para outros conteúdos do ensino de Matemática e explorar novos temas relacionados à Educação Financeira Crítica. Nosso objetivo é continuar refletindo e promovendo reflexões sobre a prática docente, incentivando abordagens pedagógicas que questionem discursos tradicionais e valorizem uma visão crítica e transformadora. Assim, a busca por novos conhecimentos não se encerra aqui; seguimos comprometidos em contribuir para a construção de uma Educação Matemática que dialogue com a realidade dos estudantes e fomente sua formação como cidadãos conscientes e críticos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. Boitempo Editorial, 2019.
- BRASIL. (2017). Deliberação nº 19, de 16 de maio de 2017. Estabelece diretrizes para o Programa Educação Financeira nas Escolas, durante a vigência do programa e ações de educação financeira no âmbito da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 fev. 2018a. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/deliberacao-n-19-de-16-de-maio-de-2017-4707271>. Acesso em: 7 dez. 2023.
- BRASIL. (2018). Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília – DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 06 out. 2023.
- BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; SILVA, Brunna Alves. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área da educação. **Cadernos da Fucamp**, MG, v. 20, p. 1-15. 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- COSTA, José Carlos. **O direito ao acesso à educação financeira como forma de inclusão social: desafios no ambiente da financeirização da economia brasileira**. 2019. Dissertação (Mestre em Direito) - Programa de Pós-Graduação em Direito, Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre, 2019.
- CUNHA, Otávio Augusto. Crítica do empreendedorismo. **A terra é redonda**, 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/critica-do-empendedorismo/>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- IFRAH, Georges. **História universal dos algarismos: a inteligência dos homens contada pelos números e pelo cálculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- KISTEMANN JR, Marco Aurélio; COUTINHO, Cileda de Queiroz e Silva; FIGUEIREDO, Auriluci de Carvalho. Cenários e desafios da Educação Financeira com a Base Curricular Comum Nacional (BNCC): Professor, Livro Didático e Formação. EM TEIA – **Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana** – vol. 11, n.01, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/24398>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- LIMA, Adriana de Souza; LIMA, Aldinete Silvino de; CIVIERO, Paula Andrea Grawieski; MILANI, Raquel. Um convite à Educação Matemática Crítica na formação de professores. In: CIVIERO, Paula Andrea Grawieski; MILANI, Raquel; LIMA, Aldinete Silvino de; LIMA, Adriana de Souza. (Org.). **Educação Matemática Crítica: múltiplas possibilidades na**

formação de professores que ensinam matemática. Brasília, DF: SBEM Nacional, 2022. p. 18-27.

LOBO, Emy; ALMEIDA, Tamiris. O que é educação empreendedora? **Futura**, 2021. Disponível em: <https://www.futura.org.br/o-que-e-educacao-empreendedora/> Acesso em: 15 nov. 2024.

MOREIRA, Débora Guimarães Sousa. **Crise estrutural do capital e o endividamento do sujeito:** a Estratégia Nacional de Educação Financeira como instrumento na reconfiguração capitalista. 2018. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

MUNIZ, Ivail. **Educação Financeira e a sala de aula de Matemática: Conexões entre a pesquisa acadêmica e a Prática Docente.** Anais do XII Encontro Nacional de Educação Matemática (pp. 2-3). São Paulo: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2016. Disponível em: https://www.sbembrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/6333_4396_ID.pdf. Acesso em: 02 fev. 2024.

NOVOS temas e reorganização das áreas são as principais novidades em matemática. *In:* **REVISTA Nova Escola.** São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/32/novos-temas-e-reorganizacao-das-areas-sao-as-principais-novidades-em-matematica>. Acesso em: 7 dez. 2023.

OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico). **OECD 's Financial Education Project.** Assessoria de Comunicação Social, 2004. Disponível em: www.oecd.org/. Acesso em: 12 jan. 2024.

PAULANI, Leda. Acumulação sistêmica, poupança externa e rentismo: observações sobre o caso brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 77, p. 237-261, 2013.

PUCCINI, Abelardo de Lima. Matemática financeira. **Projeto universidade aberta**, p. 8, 2007.

ROBERT, Jozsef. **A origem do dinheiro.** 2. ed. São Paulo: Global, 1989.

ROMÃO, Delmira Meireles de Andrade; SOUSA, Ivan Bezerra de. Uma abordagem crítica sobre o empreendedorismo na escola. *In:* SOUSA, Ivan Bezerra de; ALMEIDA, José Joelson Pimentel de (Org.). **Educação Financeira Crítica: caderno de atividades.** Campina Grande: EDUEPB, 2024. p.56-71.

SANTOS, Giovana Lavinia da Cunha. **Educação financeira:** a matemática financeira sob nova perspectiva. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

SARAIVA, K. Os sujeitos endividados e a educação financeira. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 66, p. 157-173, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/dCY3fwLdRBWdgSbmSfdS3sy/>. Acesso em: 13 set. 2024.

SAVÓIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Rev. Adm. Pública.** Rio de Janeiro, v. 41, n. 6,

p. 1.121-1.141, nov./dez. 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2024.

SAITO, André Taue. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2017. 152f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em administração). Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2007.

SECCO, Renata Lima. Importância da educação financeira na infância: uma revisão de literatura. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, Número 203, 2014. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/erv/observ/y2014i20314.html>. Acesso em: 9 jun. 2024.

SILVA, Amarildo Melchades da; POWELL, Arthur Belford. Um programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. *In: Anais do XI Encontro Nacional de Educação Matemática*, 2013, Paraná: SBEM. 2013, p. 1-17. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5940248-Um-programa-de-educacao-financeira-para-a-matematica-e-scolar-da-educacao-basica.html>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SKOVSMOSE, Ole. **Towards a Philosophy of Critical Mathematics Education**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994.

SKOVSMOSE, Ole. **Um convite à educação matemática crítica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2014. (Tradução de Orlando de Andrade Figueiredo).

SOARES, Fabrício Pereira. **Os debates sobre a educação financeira em um contexto de financeirização da dívida doméstica, desigualdade e exclusão financeira**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017.

ANEXOS

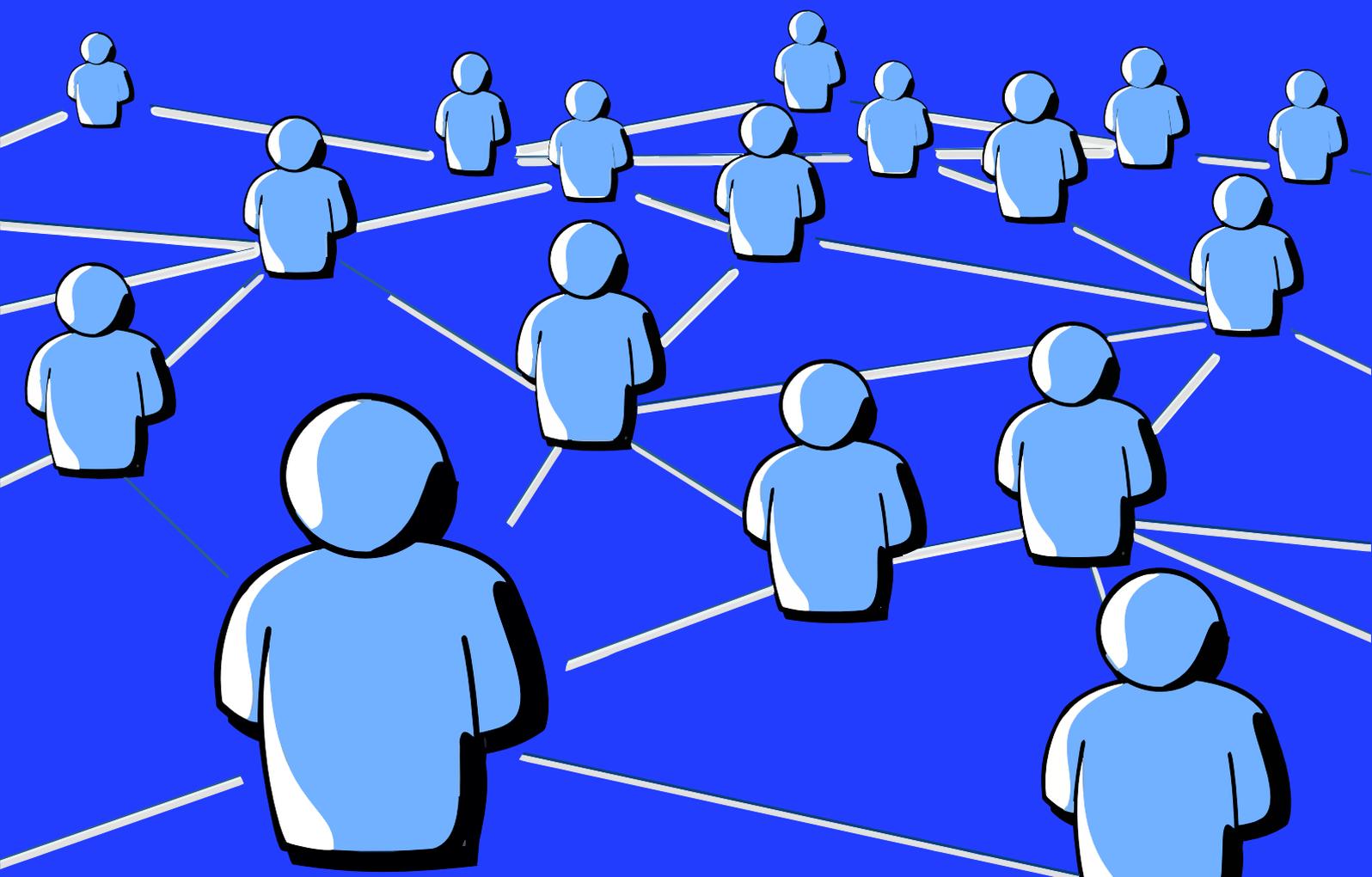
ANEXO A: ATIVIDADE UTILIZADA NA PESQUISA

5. UMA ABORDAGEM CRÍTICA SOBRE O EMPREENDEDORISMO NA ESCOLA

Delmira Meireles de Andrade Romão
Ivan Bezerra de Sousa

Objetivos da atividade

- Abordar discussões envolvendo ideias sobre a educação empreendedora;
- Apresentar ideias críticas a respeito do empreendedorismo na escola e na sociedade;
- Apresentar questões para serem discutidas com professores e alunos;
- Propor atividades para serem aprimoradas e discutidas na sala de aula.



UMA ABORDAGEM CRÍTICA SOBRE O EMPREENDEDORISMO NA ESCOLA

Quando falamos em empreendedorismo na escola podemos encontrar opiniões convergentes e divergentes. Em alguns sites é possível encontrar afirmações dizendo que abordar o empreendedorismo na escola é um passo importante para que as crianças e jovens possam expandir as suas ideias no que se refere ao mundo dos negócios. A própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) comunga dessas ideias, pois ao longo do documento o termo aparece cinco vezes.

Além das opiniões que convergem para a abordagem do empreendedorismo nas escolas, há também as críticas, pois, sabemos que nem todos os alunos apresentam ou se encaixam no perfil de empreendedor. Além disso, a visão empreendedora cria condições para que a cultura da meritocracia ganhe cada vez mais espaço, com ideias centradas no individualismo que é um dos pilares do neoliberalismo.

Nessa atividade você vai encontrar esses dois pontos de vista, a partir dos textos que serão disponibilizados. Ao longo da atividade apresentamos algumas reflexões para professores e sugestões de algumas questões para serem debatidas na sala de aula com os educandos.

A indagação principal para a elaboração dessa atividade é: **Como você enxerga as ideias do empreendedorismo na escola?** É o que discutimos nessa atividade!



Figura 1 - Educação empreendedora versus críticas ao empreendedorismo

Fonte: Site Disparada, 2019.

Texto 1: O que é Educação Empreendedora?

“Investir em uma educação empreendedora é investir em uma educação com foco na criatividade, pensamento crítico e inovação. Isso ajuda a formar futuros cidadãos mais autônomos e conscientes de seu papel social.

No Brasil, a cada 5 pessoas, 2 são empreendedoras. O equivalente a cerca de 52 milhões de brasileiros. Os dados são da **Global Entrepreneurship Monitor** (2018). Quem é empreendedor sabe que é preciso desenvolver competências multidisciplinares para conseguir gerir um negócio. Tais como **criatividade, inovação, visão de futuro, postura frente a riscos, organização, resiliência e curiosidade**, por exemplo.



Mas essas habilidades vão muito além do mercado de trabalho. Elas também podem ser **desenvolvidas na escola** e contribuir para a **formação integral dos alunos**.

Afinal de contas, empreender é um constante processo de aprendizagem. Lidar com novos desafios a todo momento e reinventar-se em um mercado em rápida transformação são fundamentais para sobrevivência de qualquer negócio.

Fazendo um paralelo com a escola, uma educação empreendedora permite ao aluno criar soluções para problemas, estimula o pensamento crítico e a busca por inovação. De maneira geral, a Educação Empreendedora é uma abordagem para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para a vida na sociedade contemporânea.

Educação Empreendedora na prática

De acordo com a cartilha “Educação Empreendedora na Prática”, produzida pelo **Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora**, esse termo “compreende iniciativas diversas que estimulam as competências empreendedoras, ou seja, o conjunto de competências que permitem que o

indivíduo seja capaz de tirar suas ideias do papel, quer no âmbito profissional, quer no âmbito pessoal”.

Desta forma, criar ações e projetos que desenvolvam tais habilidades, pode ajudar o estudante a aprender e se apropriar mais dos conteúdos curriculares ensinado durante as aulas, além de iniciar um desenvolvimento pessoal e profissional para seu futuro.

[...]

BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já reconhece o empreendedorismo como aprendizagem essencial da Educação Básica, sendo este um dos quatro eixos estruturantes dos itinerários formativos propostos no documento.

[...]

Além de compor um eixo estruturante do novo currículo escolar, as habilidades desenvolvidas pela Educação Empreendedora se relacionam de forma muito próxima às diretrizes e competências gerais que deverão ser trabalhadas durante toda a Educação Básica, desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio. O **ambiente educacional empreendedor** cria espaços de participação, protagonismo, e facilita a experiência e o aprendizado a partir de diversas tentativas e erros, o que contribui para o desenvolvimento do **Pensamento científico; Aprendizagem socioemocional; Comunicação; Argumentação; Empatia e cooperação; Responsabilidade e cidadania;** e **Cultura digital** – que fazem parte das dez competências gerais definidas pela BNCC”.

LOBO, Emy; ALMEIDA, Tamiris. O que é educação empreendedora? **Futura**, 2021. Disponível em: <https://www.futura.org.br/o-que-e-educacao-empreendedora/>. Acesso em: 16 maio 2023.

Texto 2: Crítica do Empreendedorismo

“Sob a lógica empreendedora todos devem ser empresas de si mesmos aptos para atuar em uma sociedade pautada pela tragédia social.

A pandemia da Covid-19 veio à tona no início do ano de 2020 e, desde então, tem intensificado os graves problemas econômicos do capitalismo contemporâneo, principalmente nos países periféricos e dependentes, como o Brasil. A intensa desigualdade social, seguida do aumento exponencial do número de desempregados, demonstra que a dimensão da crise em que estamos inseridos é de caráter trágico para a classe trabalhadora [...].



Contudo, mesmo no momento mais crítico desse início de século, o discurso capitalista e empresarial tenta negar sua responsabilidade pela tragédia social e busca impor sua agenda mercadológica como a solução dos problemas mais urgentes, principalmente da população mais pobre e mais atingida pelo caos social. Dessa forma, temos presenciado a propagação em massa da palavra empreendedorismo como sinônimo de solução, modernidade e progresso, principalmente no que diz respeito aos rumos da educação pública e da formação de jovens.

[...]

Essa ideologia do empreendedorismo aparece em comunhão direta com o avanço conservador em todo o mundo, acompanhado da retórica do perigo comunista (através do marxismo cultural) do Estado e pela adesão irrestrita a uma agenda ultraliberal, mercadológica, que tem como objetivo a privatização total da vida e a transformação de todos os sujeitos em empresas de si mesmos, educados pelas leis do mercado e atentos a qualquer oportunidade de lucro. O sujeito, em uma jornada solitária e sem apoio de ninguém, a não ser a sua própria perspicácia mercadológica, deve ser, necessariamente, adepto da ordem e totalmente alienado quanto às contradições estruturais do capitalismo.

[...]

A exaltação da lógica do empreendedorismo na sociedade atual busca afirmar que, ao exercer essa função, o sujeito está acima das relações das classes sociais. É um discurso perigoso, que se apoia no caráter funcional que esse tipo de exaltação tem para a manutenção da sociedade capitalista e de suas

contradições estruturais e irreparáveis. Para os adeptos da solução através do “empreendedorismo”, não importa que se trate de um trabalhador assalariado ou de um capitalista, todos têm que ser educados para exercer a função empreendedora. Para isso, basta ter “força de vontade”, “determinação”, “flexibilidade”, “resiliência”, “proatividade”, “persistência”, “iniciativa” etc. Pois é o sujeito em sua singularidade o único responsável pelo seu sucesso ou o seu fracasso econômico.

[...]

Como afirmam Dardot & Laval (2016): “o processo de mercado constrói seu próprio sujeito. Ele é auto construtivo”. Entretanto, o que percebemos dentro do contexto atual, e da propagação da lógica do empreendedorismo, é uma teoria completamente deslocada da realidade concreta dos sujeitos, da história e a da conseqüente luta de classes cotidiana. Do ponto de vista de uma análise realista e comprometida com a transformação da sociedade, não podemos identificar os “novos” empreendedores como sujeitos isolados e deslocados da realidade política em que estão inseridos, pelo contrário, esse conjunto de trabalhadores pauperizados são jogados à própria sorte pelo discurso mercadológico do empreendedorismo quando passam a ser os únicos responsáveis por resolver os problemas sociais que os cercam. A flexibilização das relações de trabalho e a falsa sensação de liberdade precisam ser analisadas levando em conta sua articulação direta com os direcionamentos propostos por entidades internacionais, como o Banco Mundial, BID, FMI, uma vez que o ataque aos direitos trabalhistas e a retirada da proteção social aos trabalhadores (como seguro desemprego, seguro acidente, auxílio doença e a aposentadoria) é uma característica desse discurso neoliberal que dissemina a lógica empreendedora como solução.

Todavia, a ideologia empreendedora está presente em programas dos mais variados aparelhos privados de hegemonia de caráter empresarial (APHE's) e tem ganhado cada vez mais espaço em políticas públicas e, dessa forma, redefinindo o papel do Estado, principalmente no que diz respeito ao acesso à educação e cultura em países dependentes como o Brasil. Com o falso discurso da “responsabilidade social empresarial”, o sujeito é convidado a se alienar dos problemas estruturais da sociedade para focar no desenvolvimento das suas

competências mercadológicas para que possam, eles mesmos, criar suas oportunidades em um mercado de trabalhadores cada vez mais sem direitos sociais.

A centralidade dos problemas, como a desigualdade de renda e o desemprego, se desloca da esfera das questões econômicas para a esfera da vida privada de cada um. Com isso, é possível notar que a função prática da ideologia empreendedora na sociedade atual é de apagar os conflitos inerentes à contradição entre capital e trabalho e sua consequente luta de classes, e se mostrar como a solução dos problemas sociais de forma enganosa. Essa noção privatista e mercadológica, que tem o empreendedorismo como seu carro-chefe de atuação, está sendo disseminada pela narrativa empresarial diariamente [...].

A perspectiva de transformar todo e qualquer cidadão em um homem empresarial (Dardot, P; Laval, C, 2016), ou seja, uma empresa de si mesmo, entende consequentemente o conhecimento e a educação como algo puramente técnico, ligado à gestão e ao controle de risco que, portanto, seria o único conhecimento necessário para que se resolvam problemas graves da sociedade.

A tal solução empreendedora é, portanto, aquela que ensina, desde cedo, o sujeito a se virar sozinho, não depender de ninguém, se alienar politicamente e construir sua própria história de fracasso ou de sucesso. O empreendedor é o modelo a ser seguido. O homem de negócios seria o exemplo de sujeito *high-tech*, ou seja, antenado às novas tendências mundiais. Ignora-se completamente a brutal desigualdade social em que estamos inseridos. Ao reafirmar equívocos como a ideia de meritocracia, a face real do empreendedorismo é muito mais problema do que solução para os tempos futuros.

Por fim, vale reafirmar os objetivos da ideologia do empreendedorismo atualmente: o desejo de convencer a todos que estamos em uma sociedade sem contradições estruturais, na qual o Estado é a raiz de todos os problemas, o trabalhador precisa se transformar na sua própria empresa e é cruelmente responsabilizado pelo seu futuro. Essa ideologia cumpre a função social de intensificar as desigualdades, reafirmar o existente e consolidar a hegemonia empresarial e mercadológica sobre o conjunto da sociedade”.

CUNHA, Otávio Augusto. Crítica do empreendedorismo. **A terra é redonda**, 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/critica-do-empreendedorismo/>. Acesso em: 16 maio 2023.

Questões para discussões com professores

A partir desse tema vamos refletir as questões abaixo.

- 1.** Qual é o seu ponto de vista a respeito do empreendedorismo na escola? Você comunga do que está sendo feito atualmente nas unidades escolares ou discorda do ensino centrado em uma educação empreendedora?
- 2.** Ao longo de sua trajetória profissional como você vem discutindo as ideias relacionadas ao empreendedorismo na sala de aula?
- 3.** Que reflexões você consegue extrair dos textos presentes nessa atividade? Na sua visão de educador, que pontos positivos e negativos eles apresentam?
- 4.** No texto 1, de Lobo e Almeida (2021), é dito que habilidades voltadas ao empreendedorismo, tais como *“criatividade, inovação, visão de futuro, postura frente a riscos, organização, resiliência e curiosidade podem ser desenvolvidas na escola e contribuir para a formação integral dos alunos”*. Enquanto docente, você comunga desse papel?
- 5.** No texto 1, de Lobo e Almeida (2021), também é dito que *“a Educação Empreendedora é uma abordagem para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para a vida na sociedade contemporânea”*. Que relações podem ser feitas entre essa frase e as abordagens do texto 2?
- 6.** O texto 2, Cunha (2020), traz uma crítica ao empreendedorismo, afirmando que para *“a lógica empreendedora todos devem ser empresas de si mesmos aptos para atuar em uma sociedade pautada pela tragédia social”*. Você concorda com esse trecho? Que discussões você extrairia desse texto e levaria para a sala de aula?

7. No texto 2, de Cunha (2020), é dito que “a tal solução empreendedora é, portanto, aquela que ensina, desde cedo, o sujeito a se virar sozinho, não depender de ninguém, se alienar politicamente e construir sua própria história de fracasso ou de sucesso”. Como esse modelo centrado no individualismo conseguiu dominar os espaços escolares? Qual é a sua visão sobre isso?

8. Na *Revista Appai Educar* foi publicada uma matéria intitulada Educação empreendedora: uma chave para transformar. Nessa matéria aparece dez benefícios relacionados a Educação Empreendedora, conforme mostra a imagem abaixo.

Figura 2 - 10 benefícios da educação empreendedora



Fonte: Lúcia, Almeida e Günter (2022).

Qual é o seu ponto de vista a respeito disso? De fato, a Educação Empreendedora vem promovendo esses benefícios ou recai no que está sendo discutido no texto 2?

9. Que outros textos você traria para a discussão dessa temática além dos textos propostos?

10. E você, quais questões proporia para suas aulas a partir dessa discussão inicial?

Sugestões para discussões com alunos na sala de aula

A partir desses textos vamos discutir as seguintes questões:

1. Para você qual é o significado de ser empreendedor? Quais são as características de um empreendedor?

2. Observe a charge abaixo:

Figura 3 - Crítica ao empreendedorismo



Fonte: Jornal DCM, 2020.

O que essa charge critica?

3. Observe o trecho da notícia abaixo:

Figura 4 - Manchete sobre o aumento do lucro da Amazon na pandemia



Fonte: Site O especialista, 2021.

Fazendo uma comparação com os pequenos empreendedores de sua localidade, o que você consegue observar? A situação deles foi a mesma que a da *Amazon*?

- De acordo com os textos que foram trazidos no início dessa atividade, que discussões podemos fazer a partir de cada um deles? Eles convergem ou divergem nas ideias apresentadas?
- As charges abaixo fazem parte da Série *Os empreendedores*, do ilustrador e sociólogo Toni D'Agostino, que estão presentes no perfil do seu *Instagram*.



Figura 5 - Críticas ao empreendedorismo



Fonte: *Instagram* de Toni D'Agostino, 2023.

Pode-se perceber ao longo das charges que os protagonistas se referem aos entregadores de aplicativos de *delivery*, que foi um ramo de amplo crescimento durante a pandemia da *Covid-19*. Que mensagem essas charges satirizam?

- No texto 2, de Cunha (2020), é citado que “para os adeptos da solução através do “empreendedorismo”, não importa que se trate de um trabalhador assalariado ou de um capitalista, todos têm que ser educados para exercer a função empreendedora. Para isso, basta ter “força de vontade”, “determinação”, “flexibilidade”, “resiliência”, “proatividade”, “persistência”, “iniciativa”, etc., pois é o sujeito em sua

singularidade o único responsável pelo seu sucesso ou o seu fracasso econômico”.

Analisando novamente as charges presentes na questão 5 e fazendo um paralelo com esse texto, que convergências e divergências você consegue encontrar?

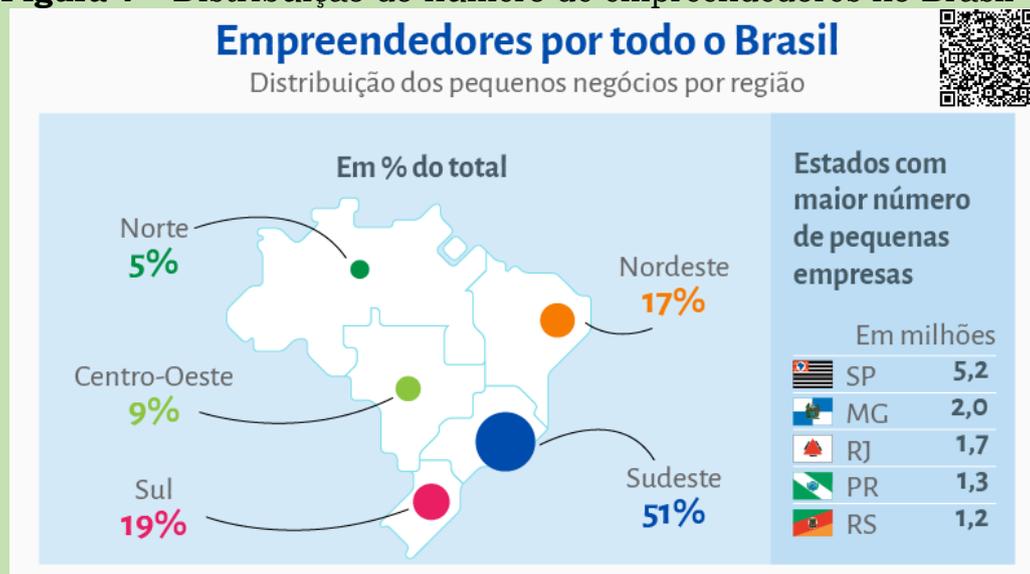
7. Observe a manchete e a imagem a seguir.

Figura 6 - Notícia sobre o aumento de empreendedores no Brasil



Fonte: Portal G1, 2023.

Figura 7 - Distribuição do número de empreendedores no Brasil



Fonte: Agência SEBRAE, 2023.

Leia as notícias na íntegra, presente nos *QR Codes* que estão presentes nas imagens acima ou no *link* presente em cada imagem e depois faça um resumo apontando o porquê do número de empreendedores terem aumentado tanto no Brasil nos últimos anos.

8. Observe o infográfico a seguir:

Figura 8 - Infográfico sobre o crescimento do número de negócios com mais de 3,5 anos no Brasil



Fonte: Jornal digital Poder 360, 2022.

A partir de sua observação, responda:

- O que podemos dizer a respeito dos países que lideram o *ranking* de empreendimentos no mundo?
- Por que o número de empreendimentos vem crescendo no Brasil?
- No texto 2, Cunha (2020) afirma que “a flexibilização das relações de trabalho e a falsa sensação de liberdade precisam ser analisadas

levando em conta sua articulação direta com os direcionamentos propostos por entidades internacionais, como o Banco Mundial, BID, FMI, uma vez que o ataque aos direitos trabalhistas e a retirada da proteção social aos trabalhadores (como seguro desemprego, seguro acidente, auxílio doença e a aposentadoria) é uma característica desse discurso neoliberal que dissemina a lógica empreendedora como solução”. Que relações você consegue fazer entre essa citação e os dados presentes no infográfico?

9. Observe os textos a seguir:

Texto 1:

Figura 9 - Charge sobre a farsa do empreendedorismo



Fonte: Site Disparada, 2019.

Texto 2:

“A tal solução empreendedora é, portanto, aquela que ensina, desde cedo, o sujeito a se virar sozinho, não depender de ninguém, se alienar politicamente e construir sua própria história de fracasso ou de sucesso. O empreendedor é o modelo a ser seguido. O homem de

negócios seria o exemplo de sujeito high-tech, ou seja, antenado às novas tendências mundiais. Ignora-se completamente a brutal desigualdade social em que estamos inseridos. Ao reafirmar equívocos como a ideia de meritocracia, a face real do empreendedorismo é muito mais problema do que solução para os tempos futuros”.

Fonte: Site A terra é redonda, 2020.

Os dois textos abordam uma crítica ao empreendedorismo. Você concorda ou discorda dessa crítica? Aponte os seus argumentos.

Figura 10 - Dica de leitura da obra *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida*



Fonte: Site da Amazon, 2023.

REFERÊNCIAS

AMAZON lucra 224% mais com vendas na pandemia. **O especialista**, 2021. Disponível em: <https://oespecialista.com.br/amazon-lucra-224-mais-com-vendas-na-pandemia/>. Acesso em: 17 maio 2023.

ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV**: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida. Boitempo, São Paulo, 2019.

BARBOSA, Gustavo. A uberização sem volta e a pedagogia do socialismo. **Outras palavras**, 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/a-uberizacao-sem-volta-e-a-pedagogia-do-socialismo/>. Acesso em: 17 maio 2023.

BRASIL é o 7º país com mais empreendedores, diz pesquisa. **Jornal digital Poder 360**, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/brasil-e-o-7o-pais-com-mais-empreendedores-diz-pesquisa/>. Acesso em: 17 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 17 maio 2023.

CHARGE: Os empreendedores. **Jornal DCM**, 2020. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/charge-os-empreendedores/>. Acesso em: 17 maio 2023.

CUNHA, Otávio Augusto. Crítica do empreendedorismo. **A terra é redonda**, 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/critica-do-empreendedorismo/>. Acesso em: 16 maio 2023.

D'AGOSTINO, Toni. 2023. Cartuns. **Instagram**, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/tonidagostinho/profilecard/?igsh=c2Z1cjhncHNuZGI5>. Acesso em: 16 maio 2023.

DIA da Micro e Pequena Empresa evidencia a importância dos empreendedores para o Brasil. **Agência Sebrae**, 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/brasil-empreendedor/dia-da-micro-e-pequena-empresa-evidencia-a-importancia-dos-empreendedores-para-o-brasil/>. Acesso em: 17 maio 2023.

LOBO, Emy; ALMEIDA, Tamiris. O que é educação empreendedora? **Futura**, 2021. Disponível em: <https://www.futura.org.br/o-que-e-educacao-empreendedora/>. Acesso em: 16 maio 2023.

LÚCIA, Antônia; ALMEIDA, Jéssica; GÜNTER Richard. Educação empreendedora: uma chave para transformar. **Revista Appai Educar**, 2022. Disponível em: <https://www.appai.org.br/appai-educacao-revista-appai-educar-edicao-137-educacao-empreendedora-uma-chave-para-transformar/>. Acesso em: 17 maio 2023.

NÚMERO de empreendedores individuais no Brasil aumenta 10 vezes em uma década. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/02/15/numero-de-empreendedores-individuais-no-brasil-aumenta-10-vezes-em-uma-decada.ghtml>. Acesso em: 17 maio 2023.

UBER, iFood, e a farsa do “empreendedorismo”. **Disparada**, 2019. Disponível em: <https://disparada.com.br/a-farsa-do-empreendedorismo/>. Acesso em: 17 maio 2023.